



# **Sustentabilidade e a elaboração do Relatório de Sustentabilidade baseado na realidade das empresas portuguesas**

**Tiago Joel Teixeira Pinto**

**Dissertação de Mestrado**

**Mestrado em Auditoria**

**Porto – 2014**

**INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO  
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO**



# **Sustentabilidade e a elaboração do Relatório de Sustentabilidade baseado na realidade das empresas portuguesas**

**Tiago Joel Teixeira Pinto**

**Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração do  
Porto para a obtenção do grau de Mestre em Auditoria, sob orientação da  
Exma. Senhora Doutora Susana Adelina Moreira Carvalho Bastos**

**Porto – 2014**

**INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO  
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO**

## **Resumo**

Atualmente a situação económica mundialmente vivida gera um elevado grau de incerteza, o que acarreta inúmeros riscos que se traduzem em restrições ao acesso a recursos e a capital por parte das organizações em geral, sendo por isso necessário uma nova linguagem de harmonização para perceber os riscos não financeiros e as oportunidades que se apresentam às organizações de forma a estas poderem alcançar o desenvolvimento sustentado.

A integração da sustentabilidade na estratégia da empresa deve ser encarada como uma mais valia, através da gestão do risco e das oportunidades geradas. Um dos meios para atingir essa meta será pela elaboração do Relatório de Sustentabilidade.

A Global Reporting Initiative, criada em 1997, faz parte de uma iniciativa internacional cuja missão é a de elaborar e divulgar diretrizes para a elaboração de Relatório de Sustentabilidade mais rigorosas e harmonizadas à escala mundial

As diretrizes, têm sofrido alterações, no sentido de melhorar a informação do reporte da sustentabilidade pelas organizações. Estas alterações, trazem novos desafios às organizações que comunicam o seu desempenho ao nível social, ambiental e económico.

O estudo versa a sustentabilidade, uma vez que consideramos fundamental, para as empresas e organizações em geral, o relato harmonizado, com base em normas emanadas dos diversos organismos internacionais e nacionais, que servirá de ferramenta de gestão e estratégia aos órgãos de gestão.

Concluimos, através das metodologias utilizadas, na amostra objeto deste estudo, que o Relatório de Sustentabilidade ainda não se apresenta como peça importante para a estratégia de médio e longo prazo da organização. Existe ainda um longo caminho a percorrer para que este reporte de sustentabilidade seja considerado pelas empresas e organizações em geral como um guia de apoio ao seu contínuo desenvolvimento sustentável.

**Palavras chave:** Relatório de Sustentabilidade; Harmonização; Desenvolvimento Sustentável; GRI

## **Abstract**

Currently the economic situation globally experienced generates a high degree of uncertainty, which carries numerous risks that translate into restrictions on access to resources and capital by organizations in general, it is therefore necessary to harmonize a new language to understand the risks nonfinancial and opportunities that present themselves to organization so they can achieve sustainable development.

The integration of sustainability into the company strategy should be seen as an added value by managing risk and oportunities generated. One means of achieving this goal is the preparation of the Sustainability Report.

The Global Reporting Initiative, established in 1997, is part of an international initiative whose mission is to develop and disseminate guidelines for the preparation of the Sustainability Report stricter and harmonized worldwide.

The guidelines have been modified in order to improve the reporting of sustainability information by organizations. These changes bring new challenges to organizations communicate their performance to the social, environmental and economic.

The study approach sustainability, since we consider it essential for companies and organizations in general, the harmonized reporting, based on decisions adopted by various international and national organizations to serve as a management and strategy to the management tool.

We conclude by the methods used in this study sample object, the Sustainability Report has not presented as an important strategy for the medium and long term organizational piece. There is still a long way to go before this is considered sustainability reporting by companies and organizations in general as a guide to support it's continued sustainable development.

**Key words:** Sustainability Report; Harmonization; Sustainable Development; GRI

## **Dedicatória**

Dedico esta tese à minha mãe, sem ela não seria o que sou hoje, nem chegava onde cheguei.

Nunca vou amar tanto alguém...a falta que tu me fazes...

## **Agradecimentos**

Um agradecimento especial à Exma Senhora Professora Doutora Alcina Portugal Dias pela disponibilidade que sempre demonstrou no decorrer do curso de Mestrado em Auditoria, em especial nas unidades curriculares por si ministradas, que me levaram à escolha do tema desta tema de dissertação.

Não posso deixar de manifestar o meu agradecimento a todos os docentes do curso, que contribuíram para o desenvolvimento do meu conhecimento e para o engrandecimento deste mestrado.

Agradeço à Professora Doutora Susana Bastos, orientadora desta dissertação pelo apoio, amizade e resiliência demonstrada em todos os períodos da realização deste trabalho.

Por fim agradeço ao meu Pai, à minha Irmã, à colega de mestrado Sara Mota e à minha namorada Isabel Nunes, pelo apoio e paciência demonstrados ao longo deste percurso.

## **Lista de Abreviaturas**

BCSD Portugal – Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável

CEBSD - *Combined European Bureau for Social Development*

CES - *Conference of European Statisticians*

CERES - *Coalition for Environmentally Responsible Economies*

FEE - *The Fédération des Experts Comptables Européens*

GRI – *Global Reporting Initiative*

IAASB – *International Auditing and Assurance Standards Board*

IFC – *International Finance Corporation*

IIRC - *International Integrated Reporting Council*

ISAE - *International Standard on Assurance Engagements*

ISO – *International Organization for Standardization*

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OTOC – Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas

OROC – Ordem dos Revisores e Oficiais de Contas

RS – Relatório de Sustentabilidade

RSE – Responsabilidade Social das Empresas

SASB - *Sustainability Accounting Standards Board*

UN – *United Nations*

UNEP – *United Nations Environment Programme*

WBCSD – *World Business Council for Sustainable Development*

WCED - World Commission on Environment and Development

## Índice geral

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I – Estado de Arte .....</b>	<b>3</b>
1.1 Introdução ao Global Reporting Initiative .....	5
1.2 Parâmetros e métricas para a elaboração do relatório de sustentabilidade segundo a GRI .....	7
1.3 Abordagem a novas medidas e parâmetros da GRI G4 .....	12
1.4 Visão do Relatório de Sustentabilidade a médio e longo prazo.....	15
1.4.1 A Necessidade da existência de um Relatório de Sustentabilidade.....	16
1.4.2 Tipologia das empresas com RS elaborado.....	16
1.5 Governance versus Adequabilidade à organização .....	19
1.5.1 A importância da inclusão dos elementos da organização no processo da sustentabilidade .....	20
1.6. Harmonização do Relatório de Sustentabilidade .....	22
<b>Capítulo II – Metodologias .....</b>	<b>25</b>
2.1 Introdução.....	27
2.2 Escolha do tema Sustentabilidade e a elaboração do Relatório de Sustentabilidade baseado na realidade das empresas portuguesas .....	27
2.3 Paradigmas de investigação .....	28
2.4 Natureza do estudo .....	28
2.5 Opções das técnicas metodológicas da investigação.....	29
2.6 Questionários .....	29
2.7 Entrevistas .....	30
2.8 Caracterização da população.....	30
2.9 Técnicas de análise dos dados.....	31
2.10 Análise de conteúdo .....	32
2.11 Triangulação de dados.....	32
2.12 Caracterização geral da investigação empírica .....	32
2.13 Análise exploratória descritiva .....	33
2.14 Estrutura dos questionários aplicados .....	33
2.15 Estrutura da entrevista .....	33
2.16 Hipóteses e resultados .....	34
2.2 Estudo empírico .....	37
2.2.1 Altri .....	39
2.2.2 BPI.....	39
2.2.3 Impresa.....	40
2.2.4 Jerónimo Martins.....	40
2.2.5 Mota Engil.....	40

2.2.6 Semapa .....	41
2.2.7 Teixeira Duarte.....	42
2.2.8 BCP .....	42
2.2.9 Banif.....	44
2.2.10 CTT .....	45
2.2.11 EDP .....	46
2.2.11.1 EDP Renováveis.....	47
2.2.12 GALP .....	49
2.2.13 Portucel .....	49
2.2.14 REN.....	50
2.2.15 SONAE .....	51
2.3 Resumo das empresas analisadas .....	52
<b>Capítulo III – Apresentação e Discussão de resultados.....</b>	<b>53</b>
3.1 Análise descritiva .....	55
3.1.1 Análise da consistência .....	55
3.1.2 Análise ao conteúdo das entrevistas e da questão aberta do questionário.....	56
3.2 Análise 1º Domínio – Sustentabilidade e o seu relato .....	62
3.3 Análise 2º Domínio – O Relatório de Sustentabilidade.....	66
3.4 Análise 3º Domínio – O Auditor e a sua visão.....	70
3.5 Análise das correlações de Spearman e de Pearson .....	72
<b>Capítulo IV – Conclusão .....</b>	<b>75</b>
4.1 Limitações do estudo .....	77
4.2 Sugestão para investigação futura .....	77
4.3 Conclusões.....	77
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>82</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>1</b>
<b>Apêndices .....</b>	<b>1</b>

## Índice de quadros

Quadro 1 - Resumo dos indicadores de desempenho GRI 3 e 3.1 .....	9
Quadro 2- Níveis de Aplicação GRI G3 2006 .....	11
Quadro 3 - Principais Mudanças da G3.1 para a G4 da GRI .....	15
Quadro 4 - Sustentabilidade de cada setor de atividade .....	17
Quadro 5 - Empresas PSI20 e publicação do Relatório de Sustentabilidade .....	18
Quadro 6 - Primeiro domínio - Sustentabilidade e o seu relato .....	35
Quadro 7 - Segundo domínio - O Relatório de Sustentabilidade.....	36
Quadro 8 - Terceiro domínio - Auditores e a sua visão .....	37
Quadro 9 - Empresas do PSI 20 .....	38
Quadro 10 - Resumo do processamento dos dados .....	55
Quadro 11 - Alfa de Cronbach .....	56
Quadro 12 - Análise de Conteúdo - Questão 1.....	57
Quadro 13 - Análise de Conteúdo - Questão 2.....	57
Quadro 14 - Análise de Conteúdo - Questão 3.....	58
Quadro 15 - Análise de Conteúdo - Questão 4.....	59
Quadro 16 - Análise de Conteúdo - Questão 5.....	60
Quadro 17 - Análise de Conteúdo - Questão 6.....	60
Quadro 18 - Análise de Conteúdo - Questão 7.....	61
Quadro 19 - Análise de Conteúdo - Questão aberta.....	62
Quadro 20 - Análise descritiva das questões do 1º Domínio.....	63
Quadro 21 - Quocientes de assimetria e de curtose.....	64
Quadro 22 - Coeficiente de variação .....	65
Quadro 23 - Análise 1º Domínio - Sustentabilidade e o seu Relato .....	66
Quadro 24 - Análise descritiva das questões do 2º Domínio.....	67
Quadro 25 - Análise 2º Domínio - O Relatório de Sustentabilidade .....	69
Quadro 26 - Análise descritiva das questões do 3º Domínio.....	70
Quadro 27 - Análise 3º Domínio - O Auditor e a sua visão.....	72
Quadro 28 - Correlação de Pearson dos 3 domínios .....	73
Quadro 29 - Coeficiente de $\rho$ de Spearman .....	74

## Índice de figuras

Figura 1 - Development of the GRI Guidelines since 2000.....	6
Figura 2- Tripple Bottom Line.....	7
Figura 3 - Estrutura dos relatórios da GRI .....	8
Figura 4 - Princípios para a definição do Conteúdo do Relatório .....	10

A sociedade vive atualmente sob o receio dos escândalos financeiros que, cada vez mais frequentes, devastam instituições credíveis e indestrutíveis para a maioria das pessoas. A procura de lucros de curto prazo sem ter em contas o aspeto social e ambiental a longo prazo torna-se insustentável. Está na hora das organizações criarem oportunidades e mudanças que rompam com o passado para o objetivo final de desenvolvimento sustentável da sociedade.

Torna-se cada mais importante a ideia de que é fundamental para as organizações crescer com sustentabilidade através da utilização dos recursos com eficiência e consumos mais sustentáveis em que a interligação entre o âmbito social, ambiental e económico tem que ser constante e integrado na visão e estratégia das empresas.

O presente estudo pretende apresentar e ser uma parte importante num futuro próximo, onde o desenvolvimento do reporte da sustentabilidade seja encarado pelas empresas e organizações em geral, como parte integrante da sua estratégia de médio e longo prazo. É fundamental alertar os profissionais da gestão, da contabilidade e da auditoria para a criação de cultura empresarial quanto ao relato da sustentabilidade como obrigatório.

O tema objeto desta dissertação “Sustentabilidade e a elaboração do Relatório de Sustentabilidade baseado na realidade das empresas portuguesas” despertou a minha atenção a partir do momento em que comecei a assistir às catástrofes geradas pelas empresas financeiras desde 2011, o que levou a um novo pensamento económico e, fez com que o nosso país, caísse nesta longa crise, que iniciando-se como económica e financeira, hoje é uma crise social.

Pretendemos com a investigação avaliar o quanto a presença da sustentabilidade na empresas portuguesas têm implicações financeira e, concomitantemente, que apresentação do Relatório de Sustentabilidade é efetuada e qual a importância que lhe é dada na gestão das empresas e organizações em geral.

Após o estudo empírico e descritivo realizado ao teor dos relatórios de sustentabilidade das dezasseis empresas em estudo concluímos pela verificação das três grandes hipóteses formuladas, apresentando no entanto, algumas reservas quanto à hipótese A3.

A temática da Sustentabilidade e o desejo presente nas várias organizações internacionais que emanam as guidelines para a elaboração harmonizada do relatório de sustentabilidade é, ainda encarada com prudência.

É de nossa opinião que há ainda um longo e árduo caminho a percorrer para que exista um relatório de sustentabilidade que prime pela transparência, objetividade, assertividade e seja encarado pela gestão das organizações como uma ferramenta de apoio à decisão.

## Capítulo I – Estado de Arte



## 1.1 Introdução ao Global Reporting Initiative

O objetivo do desenvolvimento sustentável segundo a World Commission on Environment and Development adiante designado por WCED é “satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades” (World Commission on Environment, 1987, p. 43).

Cada vez mais a sustentabilidade ganha destaque no seio da empresa e das organizações em geral sendo esta incluída no seu planeamento estratégico para alcançar uma vantagem competitiva/estratégica. A sustentabilidade ou uma organização sustentável só é alcançada através de uma orientação a longo prazo sem cedências a pressões e tentações momentâneas, de forma a criar valor duradouro e a construir um elo de confiança com os stakeholders (Rego, Cunha, & Ribeiro, 2013)

A transparência versus sustentabilidade é fundamental e do interesse das diversas partes. Um dos desafios do desenvolvimento sustentável implica que haja ideias novas e inovação capaz de aumentar o rigor e a fiabilidade da comunicação da sustentabilidade (GRI, 2006)

A Global Reporting Initiative adiante designada por GRI é uma organização não-governamental internacional, criada em 1997 resultante de uma parceria entre a Coalition for Environmentally Responsible Economies, adiante designado CERES e o United Nations Environment Programme, adiante designado UNEP. A GRI faz parte de uma iniciativa internacional, criada com uma visão de longo prazo, cuja missão é elaborar e divulgar diretrizes para a criação de relatórios de sustentabilidade com o objetivo de prestar melhor informação e rigor acerca da sustentabilidade da organização aos stakeholders<sup>1</sup>.

É a primeira organização, à escala mundial, que visa alcançar um consenso nas diretrizes ou linhas orientadoras de comunicação da sustentabilidade. Sendo um dos seus objetivos fundamentais aumentar a qualidade dos relatórios a um nível passível de comparação, consistência e utilidade à escala mundial (Eugénio & Gomes, 2013).

No momento atual, a necessidade de transparência na comunicação de sustentabilidade é fundamental. A missão global da Global Reporting Initiative “é satisfazer esta necessidade, oferecendo uma estrutura credível para a elaboração dos relatórios de sustentabilidade, que

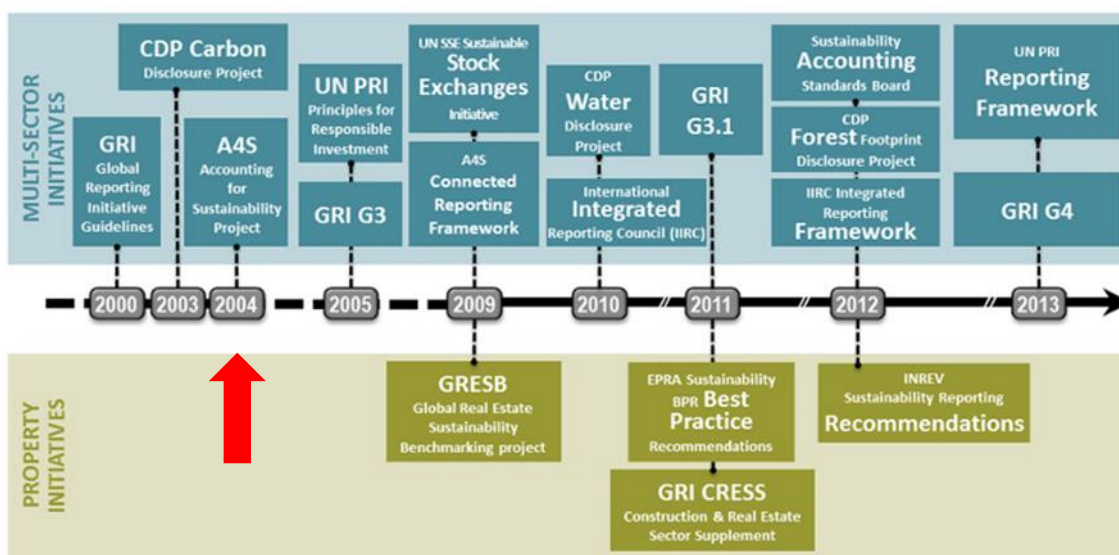
---

<sup>1</sup> Fonte: <https://www.globalreporting.org/information/about-gri/Pages/default.aspx>. Consultado em 23 de Novembro 2013

possa ser utilizada pelas várias organizações independentemente da sua dimensão, sector ou localização”<sup>2</sup>

A GRI apresenta-se como uma entidade de referência na abordagem do tema do relato de sustentabilidade, promovendo o uso de relatórios de sustentabilidade como meio das organizações se tornarem mais sustentáveis (Lopes, 2012).

As diretrizes da GRI para a elaboração dos relatórios de sustentabilidade abordam os três pilares interrelacionados da sustentabilidade, o **desempenho económico**, o **desempenho ambiental** e o **desempenho social** das organizações. A aplicação das diretrizes da GRI e a adoção de medidas pretendem incrementar nas organizações em geral: a produtividade o seu reconhecimento de mercado, apoios locais e nacionais, das vendas e a atração de novos investidores (GRI; IFC, International Financial Corporation, 2009).



*Figura 1 - Development of the GRI Guidelines since 2000*

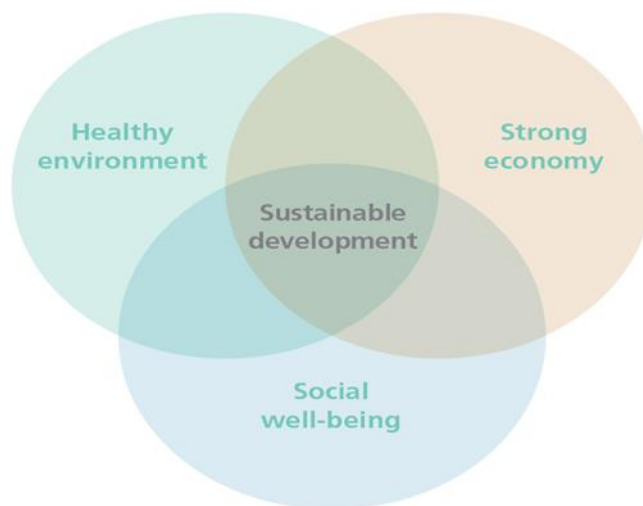
Fonte: Global Property Sustainability Perspective - Sustainability Reporting Timeline 2000 – 2013<sup>3</sup>, consultado em 2014/06/30

Num cenário económico extremamente competitivo e interligado, a capacidade de tomar decisões que não envolvam só a procura de lucro a curto prazo mas, também, que seja

<sup>2</sup> Diretrizes para a Elaboração de Relatórios de Sustentabilidade Versão 3.0 p3.

<sup>3</sup> <http://www.joneslanglasalle.com/GSP/en-gb/Pages/Global-Property-Sustainability-Perspective-Q4-2013-Sustainability-Reporting-Timeline.aspx>

socialmente e responsável ambientalmente é um passo importantíssimo para o desenvolvimento sustentável, conforme esquematizado na figura seguinte.



*Figura 2- Tripple Bottom Line*

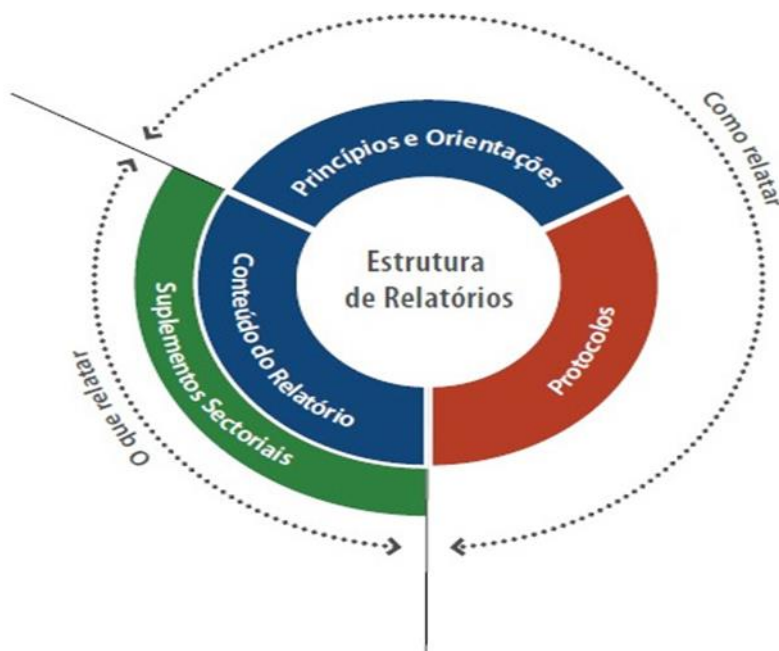
Fonte: <http://sustainability.suncor.com/2013/en/about/what-guides-us.aspx>, Data de consultada 2014/06/15.

## **1.2 Parâmetros e métricas para a elaboração do relatório de sustentabilidade segundo a GRI**

A estrutura de Relatórios de Sustentabilidade da GRI, como um todo, foi criada por meio de um processo participativo internacional envolvendo centenas de indivíduos e organizações. Esta foi concebida para ser utilizada por organizações de qualquer dimensão, setor ou localização. Esse processo, designado de “processo multistakeholder”, ainda é utilizado para produzir as Diretrizes de Sustentabilidade da GRI, os Protocolos de Indicadores, os Protocolos Técnicos e os Suplementos Setoriais (GRI, 2006) em apêndice a este estudo, a seguir apresentados:

- As diretrizes segundo a GRI “consistem em princípios que definem o conteúdo do relatório e que asseguram a qualidade da informação relatada”.
- Os protocolos de indicadores são definidos para cada um dos indicadores, que estão incluídos nas diretrizes que apoiam os relatores da sustentabilidade e asseguram a conformidade na interpretação dos indicadores de desempenho.

- Os protocolos técnicos são orientações para a elaboração dos relatórios de sustentabilidade, apoiando as empresas nas questões que vão surgindo na preparação/elaboração.
- Os suplementos setoriais são, como o nome indica, um suplemento ou um complemento das diretrizes, para os diferentes setores de atividade. Segundo a GRI os suplementos setoriais devem ser utilizados em conjunto com as diretrizes e não como seus substitutos (Protocolos de Indicadores G3).



*Figura 3 - Estrutura dos relatórios da GRI*

Fonte: Diretrizes para o Relatório de Sustentabilidade, 2006; Data de consulta 25/06/2014

No conjunto de protocolos de indicadores, os de desempenho, possibilitam medir os resultados económicos bem como os seus impactos ao nível interno e ao nível externo da organização. Estes indicadores são divididos em três categorias:

1. Desempenho económico (impacto económico direto e o valor daí gerado);
2. Presença no mercado (interceções em mercados específicos);
3. Impactos económicos indiretos.

Estes indicadores medem os impactos económicos resultantes das atividades económicas e transações da organização<sup>4</sup>. Na versão atualizada G3.1 foram acrescentados indicadores de dimensão social. Em resumo estão referidos os Indicadores de Desempenho apresentado pelo GRI 3 e 3.1<sup>5</sup>

Designação indicadora	Métricas dos indicadores
<b>Indicadores de Desempenho Económico</b>	<b>Aspeto (Categoria)</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Desempenho Económico</li> <li>➤ Presença no Mercado</li> <li>➤ Impactos Económicos Indiretos</li> </ul>
<b>Indicadores de Desempenho Ambiental</b>	<b>Aspeto (Categoria)</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Materiais</li> <li>➤ Energia</li> <li>➤ Água</li> <li>➤ Biodiversidade</li> <li>➤ Emissões, Efluentes e Resíduos</li> <li>➤ Produtos e Serviços</li> <li>➤ Conformidade</li> <li>➤ Transporte e Geral</li> </ul>
<b>Indicadores de Desempenho Social</b>	<b>Práticas Laborais</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Emprego</li> <li>➤ Relações entre trabalhadores e gestão</li> <li>➤ Saúde e segurança no trabalho</li> <li>➤ Training e educação</li> <li>➤ Diversidade e igualdade de oportunidades</li> <li>➤ Igualdade de remunerações para homens e mulheres</li> </ul> <b>Sociedade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Comunidade</li> <li>➤ Corrupção</li> <li>➤ Políticas públicas</li> <li>➤ Concorrência Desleal</li> <li>➤ Conformidade</li> </ul> <b>Direitos Humanos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Práticas de investimento e processo de compra</li> <li>➤ Não discriminação</li> <li>➤ Liberdade de associação e negociação coletiva</li> <li>➤ Práticas de segurança</li> <li>➤ Avaliação</li> <li>➤ Reparação</li> </ul> <b>Responsabilidade pelo Produto</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Saúde e segurança do cliente</li> <li>➤ Comunicações de marketing</li> <li>➤ Conformidade</li> </ul>

*Quadro 1 - Resumo dos indicadores de desempenho GRI 3 e 3.1*

Fonte: Elaborado pelo Mestrando, Julho de 2014

<sup>4</sup> Conjunto de Protocolos de Indicadores: G3

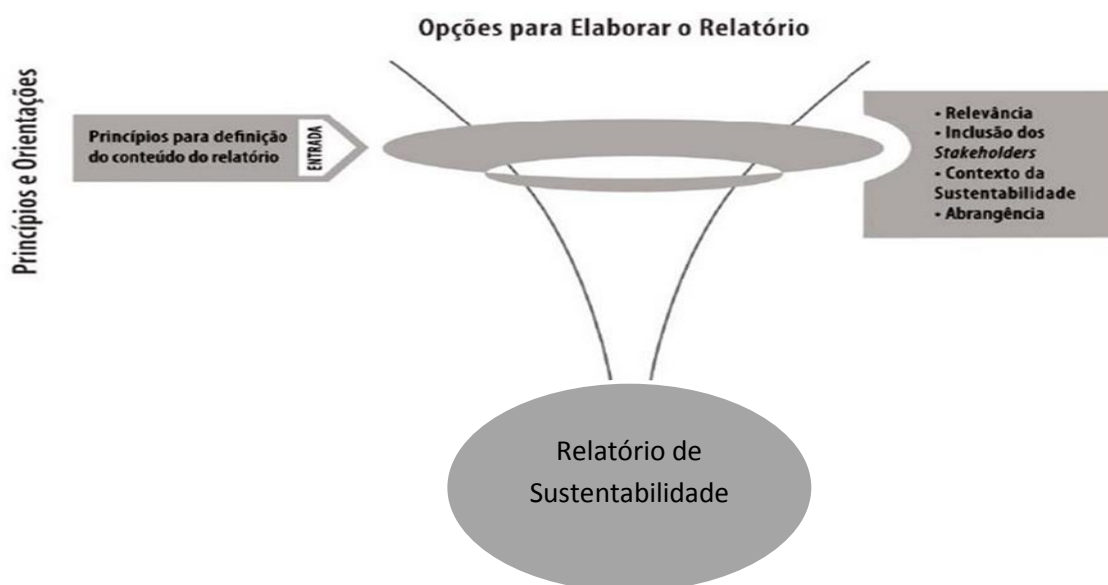
<sup>5</sup> GRI 2011 - Sustainability Reporting Guidelines, versão 3.1

Os relatórios modelo GRI, como qualquer sistema de transmissão de informação, pretendem assegurar e integrar determinados princípios e características qualitativas da informação importante para divulgação. No seu conjunto, os princípios têm como principal função acautelar a transparência que, segundo a GRI, a define como “a completa divulgação de informação presente nas questões e indicadores necessários à demonstração dos impactos existentes, permitindo às várias partes interessadas a tomada de decisões” (GRI, 2006).

Os princípios são divididos em dois grupos:

- Os que determinam as questões e os indicadores a ser relatados em conjunto com informações padrões (Princípio da relevância, inclusão das partes interessadas e do contexto de sustentabilidade e integridade);
- Os que atestam a qualidade e apresentação da informação relatada (Princípio do equilíbrio, comparação, precisão, periodicidade, fidedignidade e clareza).

Para atestar a verdadeiro valor do relatório de sustentabilidade, este tem que estar em conformidade com os princípios de relatórios da GRI acima referidos pois, assim, irá oferecer aos stakeholders uma imagem fiel da organização para a sua tomada de decisão (GRI, 2012).



**Figura 4 - Princípios para a definição do Conteúdo do Relatório**

Fonte: Adaptada pelo Mestrando das Diretrizes para a elaboração de Relatório de Sustentabilidade G3, 2006, Julho 2014.

Para a elaboração de um relatório segundo a GRI, a organização deve autodeclarar o seu relatório segundo as suas orientações em “Níveis de Aplicação”<sup>6</sup>. O sistema contém três níveis, nível C (Iniciante), B (Intermédio) e A (Experiente). Importa também referir que se a empresa optar por verificação externa (Processos externos de auditoria) pode também autodeclarar sinal mais (+), como por exemplo, C+; B+; A+.

Segundo a GRI, os níveis visam fornecer aos usuários do relatório uma ampla visão da organização e aos relatores um guia para a melhoria, a longo prazo, da estrutura do relatório de sustentabilidade (GRI, 2006 – Níveis de aplicação), conforme resumo efetuado no quadro seguinte.

Relatório Níveis de aplicação		C	C +	B	B +	A	A +
Conteúdo do relatório	Perfil da G3	Responder aos itens: 1.1; 2.1 a . 2,10; 3.1 a 3.8, 3.10 a 3.12 4.1 a 4.4, 4.14 a 4.15	Com verificação externa	Responder a todos os critérios Nível C mais: 1.2; 3.9, 3.13 4.5 a 4.13, 4.16 a 4.17;	Com verificação externa	O mesmo exigido para o Nível B	Com verificação externa
	Informações sobre a forma de gestão da G3	Não exigido.		Informações sobre a forma de gestão para cada categoria de indicador		Forma de gestão divulgada para cada categoria de indicador	
	Indicadores de desempenho da G3 e indicadores de desempenho de suplemento setorial	Responder a um mínimo de 10 indicadores de desempenho, incluindo pelo menos um de cada uma das seguintes áreas de desempenho: social, ambiental e económico.		Responder a um mínimo de 20 indicadores de desempenho, incluindo pelo menos um para áreas de desempenho económico, social, ambiental, direitos humanos, práticas laborais, sociedade, responsável pelo produto		Responder a cada indicador essencial da G3 e do suplemento setorial com a devida consideração ao Princípio da Materialidade de umas das formas: a) respondendo ao indicador ou b) explicando o motivo da omissão.	

**Quadro 2- Níveis de Aplicação GRI G3 2006**

Fonte: Adaptado pelo Mestrando de RG – Diretrizes para a Elaboração de Relatórios de Sustentabilidade, Version 3.0, 2000-2006, GRI, pp. 1 a 4 anexo ao Relatório.

<sup>6</sup> RG – Diretrizes para a Elaboração de Relatórios de Sustentabilidade, Version 3.0, 2000-2006, GRI, pp. 1 a 4 anexo ao Relatório.

Para a elaboração do relatório de sustentabilidade são sugeridas 5 fases em que a organização deve entender quais os aspetos (económicos, sociais e ambientais) mais importantes a referir no relatório com total transparência e integridade:

1.Preparar: Imaginar um Relatório de sustentabilidade em que se deverá fazer algumas questões gerais, seguindo-se o desenvolvimento de um plano de ação e de uma reunião inicial para definir objetivos, metas e impactos para a organização.

2.Dialogar: Identificação dos stakeholders e de acordo com a prioridade dos mesmos. No final deste trabalho deverá existir um diálogo (através de reuniões e pesquisas) sobre as expectativas dos stakeholders quanto ao Relatório de Sustentabilidade.

3.Definir: Definição do conteúdo do relatório bem como os temas/indicadores mais importantes a serem abordados, assim como as metas que podem incluir a implementação e a melhoria de procedimentos.

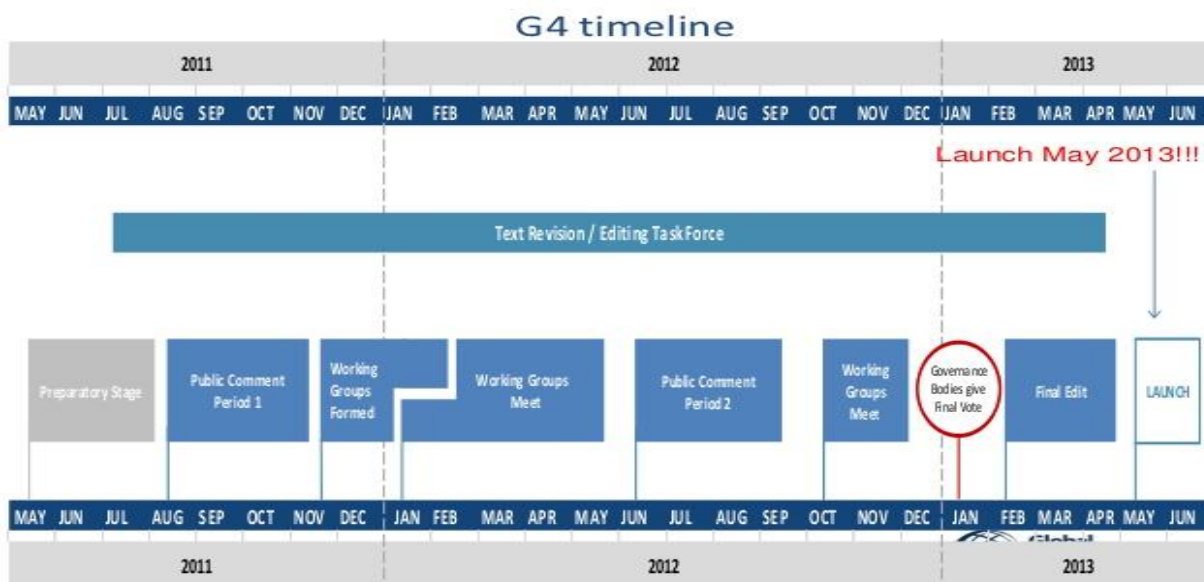
4.Monitorizar: Verificar processos para monitorizar as atividades, atestando a qualidade da informação relatada à luz dos princípios de relatórios da GRI de equilíbrio exatidão, comparabilidade, confiabilidade, periodicidade e clareza. Para as metas serem atingidas é fundamental o acompanhamento contínuo do desempenho da organização.

5.Relatar: Depois de todas as partes necessárias estarem preparadas e em consonância com a informação a relatar a organização deve escolher a forma de comunicação com os stakeholders, apresentando toda a informação para a preparação do relatório. Depois da publicação do mesmo, a organização deve preparar o próximo ciclo, tentando melhorar e aperfeiçoar o relato da sustentabilidade.

### **1.3 Abordagem a novas medidas e parâmetros da GRI G4**

As diretrizes da GRI são desenvolvidas num seguimento de consulta que envolve multistakeholders, entre eles, trabalhadores, empresas, mercados financeiros, auditores e especialistas em diversas áreas. O processo de elaboração das diretrizes foram abertos a comentário público, através de grupos de trabalho coordenados pela GRI e as orientações finais aprovadas pelo conselho de stakeholders da GRI, o Comité Consultivo Técnico e o Conselho da Administração (GRI, 2013).

Para um maior destaque sobre os temas que influenciam o valor de uma empresa a longo prazo e uma significativa aderência à prática de publicação do RS desde 2006 (Publicação da terceira geração de diretrizes da GRI), foi elaborada a 4º geração de diretrizes, adiante designada G4. As novas diretrizes têm como principal objetivo aumentar a adesão da publicação de RS a todos os tipos de organização (KPMG, 2013).



*Figura 5 - G4 - Timeline*

Fonte: Global Reporting Initiative Focal Point Australia. “Introduction to the next generation of GRI Guidelines (G4)”; Consultado 2014/07/26.

Para aumentar a publicação de informação sobre sustentabilidade a G4 introduziu alterações significativas em comparação a 3º geração:

- Facilidade no uso, uniformidade e qualidade técnica das novas diretrizes;
- Menos quantidade e mais qualidade de informação. Qualidade através da inclusão de diretrizes sobre materialidade, limites de relatório e informação sobre formas de gestão (Disclosure on Management Approach – DMA);
- Introdução de formato online para novos relatores com informação atualizada;
- Harmonização com outros modelos de relatório como o da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) e o Pacto Global da Organização das Nações Unidas bem como, o surgimento do novo modelo integrado da International Integrated Reporting Council, adiante designado por IIRC.

O International Integrated Reporting Council (IIRC) criou uma Framework de Reporting Integrado, que incorpora o relato anual de gestão e o relato da sustentabilidade num único relatório, num reporting integrado. Este relatório único pretende envolver os stakeholders, criando confiança para melhorar o desempenho da organização. Visa também tornar o relato melhor e mais eficiente (PWC, 2013).

O conceito de materialidade para a G4 e para o reporting integrado é fundamental, pois este foca-se no que é importante para os stakeholders como informações relevantes da gestão, a prevenção para a omissão de assuntos relevantes, diminuição de custos de reporting (PWC, 2013).

A G4 introduz 27 novas divulgações, uma nova estrutura de documentos de orientação e dois níveis para relatar de acordo com as novas diretrizes. Para os que reportam a sustentabilidade, a G4 pode levar a relatórios mais curtos mas focado em aspetos materialmente relevantes diminuindo a informação mas melhorando a sua qualidade. No entanto, as organizações terão de formalizar e documentar todo o seu processo de materialidade, incluindo a análise de partes interessadas, o detalhe de todos os métodos utilizados e divulgar tudo no relatório de sustentabilidade (KPMG, 2013).

Uma outra diferença existente nas novas diretrizes G4 é a eliminação dos níveis de aplicação anteriormente existentes (A, B e C) com o objetivo das organizações deixarem de relatar todos os indicadores existentes. Para a publicação de um relatório GRI, terá agora duas opções para estar “in accordance”: Core (essencial) ou Comprehensive (Abrangente). O sinal + que era utilizado para procedimentos de auditoria externa também deixa de existir, no entanto, como sinal da sua extrema importância vai constar numa nova tabela do GRI a informação da existência ou não de verificação externa, por indicador de perfil ou de desempenho (GRI, 2013).

As novas orientações exigem uma atenção mais focada nos aspetos realmente importantes para a empresa para tornarem os relatórios mais robustos e fiáveis. A materialidade é o ponto mais importante das novas diretrizes, que pode levar a sustentabilidade a outro nível (KPMG, 2013).

Principais mudanças	G3	G4
	O que muda na prática?	
	Nível: A,B ou C	Nível: CORE ou COMPREHENSIVE
	Consulta aos stakeholders	Integração da sustentabilidade à estratégia
	Sinal + junto ao nível obtido	A verificação externa, se existir, só é mencionada no índice da GRI
	Indicadores de perfil	Mais de 16 Indicadores de perfil do que na G3
	Consulta obrigatória a partir do nível B, sem diretriz específica.	Consulta aos stakeholders e definição de materialidade obrigatória para os dois níveis (CORE e COMPREHENSIVE)

*Quadro 3 - Principais Mudanças da G3.1 para a G4 da GRI*

Fonte: Elaborado pelo mestrando em 2014/07/29

#### **1.4 Visão do Relatório de Sustentabilidade a médio e longo prazo**

O desenvolvimento sustentável depende essencialmente ou só pode existir com decisões de longo prazo, com especial atenção a impactos ambientais, sociais e económicos. A ligação entre a economia e o meio ambiente que, durante muitos anos foi desprezada, é crucial, especialmente num mundo globalizado. Na história económica, as questões ambientais são constantemente ignoradas em troca de um crescimento desenfreado (GRI, 2006).

As organizações têm a necessidade de executar planos de gestão de risco e de criar planeamento estratégico de longo prazo robusto para se antecipar e sobreviver em períodos de contra ciclos económicos severos, mudanças da legislação, desastres naturais e riscos operacionais que afete a organização e a sua continuidade (Eyceoz, 2009).

Segundo a GRI, uma economia global sustentável deve combinar o lucro a longo prazo com a justiça social e sensibilidade ambiental. Para isso, desenvolveu diretrizes que permitem às empresas e organizações medir e reportar a performance sustentável, comunicando de forma transparente e com responsabilidade com uma tendência de futuro.

### **1.4.1 A Necessidade da existência de um Relatório de Sustentabilidade**

O papel dos relatórios de sustentabilidade é o de criar a interligação entre os diferentes impactos, pois todos eles são cruciais. O RS precisa de cada vez mais ser uma prática corrente entre as organizações, pois só assim haverá crescimento sustentável e os stakeholders estarão melhor informados para tomar as decisões mais acertadas. Com o RS a ser cada mais elaborado pelas empresas, isso fará com que se possa fazer uma análise de tendências para melhorar a qualidade do relatório (Ligteringen, 2013).

Segundo Luís Portela, presidente da Bial:

A cultura do curto prazo, de objetivos imediatos, é a principal limitação para um percurso de sucesso. Vemos isso em todos os domínios da sociedade, do desporto aos negócios e às políticas públicas. Em contraponto, as empresas que melhor desenham uma visão de longo prazo, são aquelas que de forma mais consistente têm ganho capacidade competitiva, num mundo cada vez mais concorrencial.<sup>7</sup>

No entanto, tem que existir uma ligação entre o curto e o longo prazo. Importa olhar para o presente para as oportunidades que aparecem mas sem implicar o futuro da organização.

Paul Polman, CEO da Unilever, numa entrevista dada ao Jornal Expresso<sup>8</sup> é muito crítico em relação à visão das empresas de curto prazo. Para Polman, como ele intitula “tirania de curto prazo”, a apresentação de contas semestrais não faz qualquer sentido pois uma organização tem um ciclo de um ano estabelecendo isso mesmo na Unilever.

Bill George para evitar crises futuras, defende que os novos gestores terão de parar com o estigma de apresentação de resultados a curto prazo. Devem ser capazes, de realizar esforços de longo prazo para criar valor sustentável pondo de parte os resultados de curto prazo (Rego, Cunha, & Ribeiro, 2013).

### **1.4.2 Tipologia das empresas com RS elaborado**

A questão da sustentabilidade pode ser específica para cada setor de atividade. São diferentes os impactos sociais e ambientais para uma indústria alimentar ou para uma outra de

---

<sup>7</sup>[http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/perguntas\\_a\\_luis\\_portela\\_presidente\\_da\\_bial.html](http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/perguntas_a_luis_portela_presidente_da_bial.html). Consultado em 2014/07/01

<sup>8</sup> Entrevista publicada no Jornal Expresso a 16 de Fevereiro de 2013

vestuário. Deve, em primeiro lugar, ser analisado o tipo de indústria a que respeita a organização, qual a sua situação e a posição em relação aos temas específicos do setor (Combined European Bureau for Social Development, 2009).

<b>Principais Questões de Sustentabilidade em Sectores Selecionados</b>	
<b>Setor</b>	<b>Questões de Sustentabilidade</b>
Produtos Farmacêuticos	Necessidade de novos modelos de negócios que tornem os medicamentos acessíveis no mundo do desenvolvimento
Agricultura e Biotecnologia	Preocupação e ações pós críticas e receios referentes a sementes e alimentos transgénicos e ao desenvolvimento de tecnologias que promovam o uso racional da água
Celulose e Papel	Desenvolvimento de programas de certificação que garantam tecnologias de exploração de madeira não prejudiciais ao meio ambiente
Computadores e Telecomunicações	Necessidade de estreitar o “abismo digital”, por meio de atividades de filantropia e do desenvolvimento de produtos para a base pirâmide e de reduzir o lixo eletrónico
Vestuário	Solicitação para que exista uma monitorização mais cuidadosa das práticas laborais e ambientais da cadeia de fornecimentos
Automóvel	Frequentes críticas aos utilitários desportivos e outros veículos com forte impacto ambiental e altos custos de energia
Energia	Atenção com o impacto ambiental da exploração de petróleo e do uso de combustíveis fósseis sobre o aquecimento global; desenvolvimento de energias alternativas menos poluentes ao meio ambiente, tais como a energia eólica, a solar e a biomassa.
Instituições Financeiras	Necessidade de avaliação sistemática e fiável do impacto ambiental, económico e social dos projetos de desenvolvimento a serem financiados.
Mineiro	Atenção com os impactos ambientais; pressões para que revelem os pagamentos que fazem aos governos locais, estaduais e federais onde atuam.
Alimentar	Necessidade de lidar com as pressões dos consumidores e dos reguladores relacionados com a obesidade

**Quadro 4 - Sustentabilidade de cada setor de atividade**

Fonte: CEBSB – Guia de Comunicação e Sustentabilidade, consultado em 2014/07/11.

Segundo o Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável, adiante designado BCSD, constituído por 89 membros<sup>9</sup> de diferentes setores de atividade e todos eles publicam relatórios de sustentabilidade.

Em 2014, as empresas que constituem o índice PSI20 são referidas no quadro abaixo, sendo os dados retirados do Relatório e Contas de 2013 e do Relatório de Sustentabilidade de cada empresa.

<b>Empresas PSI 20</b>	<b>Setor de Atividade</b>	<b>Publicação RS</b>
ALTRI SGPS	Indústria	Não
BCP	Finanças	Sim
BPI	Finanças	Não
BES	Finanças	Sim
BANIF	Finanças	Sim
CTT	Serviços	Sim
EDP	Serviços	Sim
EDP RENOVAVEIS	Serviços	Sim
ESFG	Finanças	Não
GALP	Indústria	Sim
IMPRESA	Serviços	Não
JERONIMO MARTINS	Serviços	Sim
MOTA ENGIL	Indústria	Sim
PORTUCEL	Indústria	Sim
PT TELECOM SGPS	Serviços	Sim
REN	Serviços	Sim
SEMAPA	Indústria	Não
SONAE	Serviços	Sim
TEIXEIRA DUARTE	Indústrias	Não
NOS SGPS	Serviços	Não

**Quadro 5 - Empresas PSI20 e publicação do Relatório de Sustentabilidade**

Fonte: Elaborado pelo mestrando com base na consulta dos relatórios das empresas em análise.

Na Altri, apesar de não ter um RS elaborado é membro do BCSD e da WBCSD tendo também diversos certificados de sistemas de gestão. O grupo Impresa conta com diversas iniciativas como por exemplo, SIC Esperança, apoios a IPSS e a atenção a impactos ambientais da sua atividade. A Teixeira Duarte conta com um relato de responsabilidade Social. Fusão ocorrida em 2013 dando lugar a NOS, tem uma equipa formada e planos realizados em favor da sustentabilidade. O grupo Semapa, apesar de não ter um RS

<sup>9</sup> <http://www.bcsdportugal.org/bcsd-portugal/membros-bcsd>. Consultado em 2014/7/12

elaborado, conta com algumas iniciativas no âmbito social e ambiental. O Banif e a Portugal Telecom são as únicas empresas do PSI 20 a utilizar as novas diretrizes do GRI a G4. Ao analisar os dados obtidos do quadro realizado, verificamos que 7 empresas das 20 que integram o PSI20, cerca de 35%, não realizaram RS em 2013.

Segundo o estudo realizado pela KPMG em 2013, mais de 70% das 100 maiores empresas em Portugal já produzem RS. Portugal está ao nível da média mundial no que concerne ao reporte da sustentabilidade. Filipa Rodrigues, Manager de Sustentabilidade da KPMG em Portugal e Angola, salientou no mesmo estudo que Portugal se encontra em evolução nesta matéria uma vez que se registou um aumento de 2% relativamente ao ano 2011. A mesma salientou ainda que a qualidade do RS em Portugal aumentou, dado que mais de 90% das empresas os elaboram dentro dos padrões do GRI. Já a nível mundial houve um aumento de 7% de 2011 a 2013 na produção de RS. A Europa, com 73%, que anteriormente era a região que mais reportava foi ultrapassada pelas Américas, com 76%, segundo dados das 250 maiores empresas do mundo<sup>10</sup>.

No referido estudo abordou-se também quais as diretivas de reporte mais utilizadas a nível mundial. Apurou-se que as diretrizes da GRI eram as mais utilizadas, sendo que Portugal estava na terceira posição, com mais de 90%, de utilização da GRI no relato da sustentabilidade. Larry Bradley no estudo anteriormente referido mencionou que cada vez mais o relato da sustentabilidade é integrado na estratégia da organização e na sua gestão, com este a ser sujeito a verificação externa por auditores independentes, levando os stakeholders a acreditar na seriedade dos dados apresentados não só no reporte financeiro, relatório e contas, como no relatório de sustentabilidade (KPMG, 2013).

### **1.5 Governance versus Adequabilidade à organização**

Sustentabilidade pode ser entendida como uma prática que as empresas utilizam para melhorar a qualidade ambiental, social e económica. Os princípios da sustentabilidade exigem a harmonização e integração dos interesses económicos, ambientais, sociais e as necessidades das gerações futuras. A implementação destes princípios terá que ser equilibrada e compatível, sendo o resultado a total integração e satisfação de todas as necessidades (Pojasek, 2008)

---

<sup>10</sup> Estudo da KPMG baseado nas 250 Maiores empresas do mundo segundo a revista Fortune 500 de 2012

Num relatório apresentado pela KPMG em 2011 baseado num inquérito efetuado as empresas cotadas<sup>11</sup> sobre a abordagem a sustentabilidade, risco e oportunidades identificadas, 67% das empresas apontaram maioritariamente a melhoria do desempenho operacional e de gestão (67%), a melhoria da reputação (58%) e a melhoria do diálogo com os stakeholders (58%) como as oportunidades que a sustentabilidade pode trazer. No lado oposto as principais dificuldades na prática da sustentabilidade foram a gestão fragmentada dos temas de sustentabilidade (54%), dispersão geográfica nos negócios (54%) e a necessidade adicional de recursos humanos (42%) (KPMG, 2011).

No mesmo estudo, a KPMG, apresentou alguns desafios que podem trazer melhorias significativas na prática do reporte da sustentabilidade. A capacidade das empresas cotadas influenciarem as restantes foi uma delas, sendo que estas devem assumir um papel de liderança. Outro desafio versou sobre a evolução do reporte integrado (KPMG, 2011).

Em 11 de Setembro de 2011 o International Integrated Reporting Committee, adiante designado IIRC, apresentou um resumo sobre o que deverá ser o relatório integrado. Um dos problemas da comunicação financeira e não financeira é fornecer aos stakeholders informação isolada, agrupada em dados históricos e sem assumir um papel estratégico na organização. O reporte integrado teria como principal objetivo identificar dados relevantes e fornecer aos stakeholders todos os riscos e oportunidades a que a organização está exposta de uma forma clara e precisa (PWC, 2012).

### **1.5.1 A importância da inclusão dos elementos da organização no processo da sustentabilidade**

Paul Polman, CEO da Unilever, numa entrevista ao The Guardian<sup>12</sup> em 2012, referiu que os bons CEO devem trabalhar com múltiplas partes interessadas, sejam estes internos ou externos, da organização e alinhá-los no contexto da sustentabilidade numa visão essencialmente de longo prazo. Polman reconhece que a tarefa torna-se complicada com os CEO mais antigos, “old-school”, pois estes estão amarrados a ideias e noções antigas e que demonstram dificuldades para inovar e operar num mundo globalizado em constante inovação.

---

<sup>11</sup> Inquérito enviado a 51 empresas cotadas. Responderam 24. Esta amostra contém a 31/12/2010, 56% de Capitalização bolsista.

<sup>12</sup> Unilever's Paul Polman: challenging the corporate status quo. Consultado em 6 de Agosto de 2014. Fonte: <http://www.theguardian.com/sustainable-business/paul-polman-unilever-sustainable-living-plan>

A sustentabilidade antes de ser implementada deve ser compreendida e entendida consoante a visão e missão da empresa juntamente com os seus funcionários. Deve-se primeiro olhar para um nível global e depois estudar as inter-relações existentes para tentar encontrar o caminho para a sustentabilidade através de soluções inovadoras e abrangentes. A missão, os valores, os princípios e códigos de ética da organização servirão de guia para a implementação da estratégia da organização, principalmente a médio e longo prazo (Eyceoz, 2009).

O processo de sustentabilidade deve ser global na organização, fazendo parte desta como um todo, deve ser inserido em todas as áreas e envolver o maior número de pessoas possíveis para a sua aplicação na prática ser clara e precisa (Eyceoz, 2009).

A sustentabilidade não pode ser considerada como um objetivo final. É um processo de melhoria contínua, onde a organização se esforça para a longo prazo se tornar mais eficaz e eficiente possível. A melhoria contínua é o caminho para encontrar as melhores oportunidades, é uma obrigação para que os negócios sejam sustentáveis sendo impulsionada pela conformidade e os sistemas de desempenho. Estes sistemas de desempenho, apresentam uma oportunidade para desenvolver positivamente o comportamento e envolvimento dos funcionários na organização (Eyceoz, 2009).

A situação financeira mundial colocou entraves ao desenvolvimento da aplicação da estratégia da sustentabilidade em muitas empresas. Voltou-se ao pensamento de curto prazo, ao corte de custos não essenciais para a atividade da empresa. Existem 5 princípios que se devem ter em conta na estratégia da sustentabilidade (Pojasek, 2008).

- Continuidade do negócio e gestão de risco
- Responsabilidade
- Conformidade e compliance
- Desempenho
- Melhoria continua

Continuidade do negócio representa o pensamento de longo prazo. A existência de um plano que abarque o maior número possível de calamidades para salvaguardar a atividade operacional da empresa é fundamental. Uma boa gestão de risco vai ajudar a garantir a continuidade do negócio mesmo com flutuação de mercados e outros riscos que daí poderão advir.

Responsabilidade perante os stakeholders, meio ambiente, bem como a vitalidade económica local. Estas responsabilidades estão inter-relacionadas entre si e deverão ser sempre tidas em conta.

Conformidade e compliance, as empresas sustentáveis devem-se esforçar para estar em conformidade com as normas ambientais, sociais e económicas.

A utilização de frameworks impulsionam o desempenho da levando a organização à excelência.

Os processos de conformidade e desempenho exigem uma melhoria contínua. Uma empresa não pode continuar o processo de sustentabilidade sem o melhorar de forma contínua.

As empresas com programas de sustentabilidade construídos com o envolvimento dos seus funcionários têm uma melhor performance capaz de melhorar a relação entre funcionários e empresas que por si só cria a retenção de talento. O envolvimento dos funcionários é ponto crítico para a mudança organizacional e o desenvolvimento. Sem o apoio dos colaboradores, é extremamente difícil, se não impossível qualquer mudança (Flynn, 2012).

Envolver os funcionários no processo de sustentabilidade dá o sentimento de envolvimento e paixão na organização, algo em que estes associam-se criam-se ligações o que traz benefícios futuros não só no ambiente como na implementação da sustentabilidade a longo prazo (Popova, 2013).

## **1.6. Harmonização do Relatório de Sustentabilidade**

Muitas das decisões de investimento tomadas atualmente exigem o reporte da informação não financeira por parte das empresas. A falta de harmonização ainda é um entrave. Para o investidor é mais fácil efetuar a sua análise se a informação da sustentabilidade estiver em sintonia com a performance financeira da empresa, através do relatório integrado. Para Pedro Rangel, administrador executivo da Caixa Capital, a informação não financeira é cada vez mais importante, a falta de uniformidade no seu reporte e a inexistência de uma periodicidade obrigatória para a sua disponibilização é um obstáculo constante. Para Pedro Rangel, “quando fatores não financeiros são considerados, a previsão de resultados futuros revela-se mais fiável, ficando os investidores com uma noção mais exata no nível de risco” (EY, 2014).

Em 2013, a KPMG elaborou um relatório, 3ª Edição do estudo designado por “Carrots and Sticks”, que apresenta uma visão geral sobre o cenário regulatório em torno dos relatórios de sustentabilidade. O relatório identificou algumas tendências futuras sobre o relatório de sustentabilidade como a continuação das grandes empresas públicas e privadas no aperfeiçoamento no relatório de sustentabilidade apesar das pequenas e médias empresas estejam cada vez mais a publicar os RS de forma voluntária reconhecendo a sua importância; o aumento no número de países com políticas sobre a elaboração dos relatórios de sustentabilidade; o RS tornou-se uma das exigências em diversas bolsas de valores em países não membros da Organization for Economic Co-operation and Development, adiante designado OCDE; A United Nations, adiante designado UN, incentivam os governos a desenvolver a comunicação da sustentabilidade, desenvolvendo as melhores práticas e eficaz regulamentação (KPMG, 2013).

O aumento do número e complexidade dos requisitos de divulgação não ajudam no processo de elaboração do relatório de sustentabilidade. A complexidade deste processo, as dúvidas existentes em qual os meios a seguir aumentaram os esforços para a harmonização e padronização da elaboração do Relatório de Sustentabilidade, pois esta será a chave para o futuro, no entanto, a informação terá que ser relatada de forma relevante, comparável e significativa (EY, 2014).

A GRI entende que a harmonização é uma meta e um desafio. Com a elaboração da G4 Diretrizes, os vínculos entre a GRI, as NU, e o IIRC, poderá no futuro existir um aumento do uso e comparação de informação de sustentabilidade e o seu reporte (EY, 2014).

Nos países em desenvolvimento as práticas e políticas de sustentabilidade continuaram a aumentar, uma vez que estes países entenderam o valor acrescentado que a transparência e a sustentabilidade trazem. Os países desenvolvidos vão desenvolver as suas próprias estruturas conceptuais, o que não impede de se vincular a outras estruturas internacionais ou adaptarem-se as mesmas (KPMG, 2013).

Num estudo realizado pela Ernest & Young, 82% dos entrevistados concordaram ou concordaram fortemente que o assurance adiciona credibilidade e segurança aos relatórios de sustentabilidade. Enquanto não for um requisito essencial a verificação externa do relatório de sustentabilidade, este não será inteiramente credível e os dados relatados podem sofrer de distorções (EY, 2014).

A 16 de Janeiro de 2014 a IIRC e a Sustainability Accounting Standards Board, adiante designado por SASB, anunciaram um memorando de entendimento com o objetivo de estreitar relações para promover a evolução do reporte da sustentabilidade e a comunicação do seu valor aos investidores. A preparação do relatório integrado em vez da existência de 2 relatórios vai aumentar a eficiência e reduzir a duplicação de informação, com o melhoramento das diretrizes existentes e criação de novas a, SASB e a IIRC pretendem promover a compatibilidade e complementaridade das suas normas. O diretor executivo da SASB, Dr. Jean Rogers, referiu que a missão da IIRC e da SASB está alinhada e que esta irá fortalecer a harmonização e melhorar a divulgação por parte das empresas da sustentabilidade na área da materialidade (SASB & IIRC, 2014).

Ao longo dos últimos 20 anos tem havido uma multiplicação de métodos e indicadores para medir o desenvolvimento sustentável. Muitos países e organizações adotaram conjuntos de indicadores de forma a progredir pois consideram que estes traziam mais-valias a longo prazo. No entanto, as diferenças existentes continuam a prejudicar o desenvolvimento sustentável e como o quantificar. Em 2009 na Conference of European Statisticians, adiante designado CES, foi definido criar uma equipa com a Comissão Europeia das Nações Unidas para a Europa, adiante designado UNECE, a Eurostat e a OCDE, para desenvolver recomendações com o objetivo de harmonizar as diferentes vias/formas em que o reporte da sustentabilidade está a evoluir. Neste estudo, são sugeridos recomendações no sentido de harmonizar as diferentes abordagens e indicadores já utilizados pelas organizações internacionais para medir e comparar o desenvolvimento sustentável (United Nations Economic Commission for Europe , 2014).





## **2.1 Introdução**

Esta investigação teve início na elaboração de hipóteses a analisar, recorrendo a metodologias investigativas, a especificar a seguir, com o objetivo de apresentar, após a discussão dos resultados obtidos, conclusões que irão aferir sobre a verificação ou não das hipóteses delineadas.

## **2.2 Escolha do tema Sustentabilidade e a elaboração do Relatório de Sustentabilidade baseado na realidade das empresas portuguesas**

Apresentamos de seguida os objetivos, que pretendemos alcançar com este estudo:

Pretende-se com esta investigação analisar a utilização pelas empresas portuguesas, cotadas em bolsa, do PSI20, do relatório de sustentabilidade, a sua evolução e proveitos daí provenientes, através de uma análise substantiva sustentada nos relatórios analisados destas entidades.

Pretende-se avaliar o quanto a presença da sustentabilidade nas empresas portuguesas, objeto deste estudo, tem implicações financeiras diretas.

Avaliar a credibilidade que apresenta o Relatório de Sustentabilidade e qual a sua importância a nível internacional comparado com a situação atual em Portugal, nas empresas do PSI20.

Analisar se a normalização tem sido o caminho seguido pelas empresas da amostra deste estudo.

Delineados os objetivos que pretendemos atingir, colocamos as seguintes questões:

Os auditores encontram-se sensibilizados para a análise da conformidade do Relatório de Sustentabilidade com as normas instituídas no sentido de emitirem a sua opinião em relação ao mesmo?

Qual o papel dos auditores no apoio à elaboração e preparação deste documento no seio da empresa?

Os responsáveis pela elaboração do RS e os responsáveis pelas certificações dos Relatórios verificam o cumprimento das alterações sugeridas pela GRI, ao longo do tempo?

Nas empresas que relatam a sustentabilidade, que Guidelines são aplicadas?

As empresas em estudo referem no RS a importância, que a sua atividade tem ao nível do impacto ambiental?

### **2.3 Paradigmas de investigação**

Um paradigma, segundo (Kuhn, 1972), (p.30), “um conjunto articulado de postulados, de valores conhecidos, de teorias comuns e de regras que são aceites por todos os elementos de uma comunidade científica”.

O paradigma qualitativo pretende substituir as noções de explicação, previsão e controlo do paradigma quantitativo, pela compreensão, significado e ação em que se procura entrar no mundo pessoal dos sujeitos (Mertens, 1998) (p.11).

Ambas as abordagens correspondem a diferentes métodos de recolha de informação: o investigador quantitativo necessita de instrumentos estruturados (como questionários ou entrevistas). O investigador qualitativo ausculta as opiniões individuais, como entrevistas não estruturadas ou livres (Bogdan & Biklen, 1994) (pp. 63, 89-109, 229, 267).

### **2.4 Natureza do estudo**

Com o objetivo de definir a natureza do estudo, será necessário numa primeira etapa identificar a metodologia e o método dentro de uma investigação científica.

A metodologia delineada neste estudo aborda aspetos quantitativos e qualitativos, dando ênfase a aspetos qualitativo-interpretativos, e tendo uma dimensão temporal delimitada no período entre Janeiro a Setembro do ano de 2014, para a recolha de informação para a revisão de literatura (“estado da Arte”) sobre a temática em estudo, procedendo-se posteriormente a uma análise qualitativa aos dados recolhidos pelos questionários obtidos e a uma análise de conteúdo da questão aberta do questionário e das entrevistas efetuadas aos profissionais nesta área.

Os instrumentos de recolha de dados, que mais à frente serão abordados (Membros da BCSD), referem-se a um questionário aplicado às empresas, aos Revisores oficiais de contas e a uma empresa ROC.

O objetivo principal deste trabalho de investigação é perceber, na realidade empresarial portuguesa, se as empresas adotam as Guidelines do Global Reporting Initiative no reporte da sustentabilidade.

## **2.5 Opções das técnicas metodológicas da investigação**

A investigação empírica foi realizada no período de Agosto a Setembro de 2014 limitada aos métodos de recolha de dados de questionários (Anexo 1), as entrevistas efetuadas (Anexo2). Relativamente ao questionário foi solicitado junto da OROC a sua publicitação no seu site , o que aconteceu, não tendo, no entanto, obtido qualquer resposta a partir desta fonte (Ver apêndice). Foram entregues 77 questionários via email e em mão, tendo recebido para o âmbito deste estudo apenas 19 questionários que representam 25% de respostas face aos questionários enviados (Ver apêndices). No entanto, consideramos que este número é significativo para a amostra em questão, uma vez que, destes, 7 são provenientes das empresas da nossa amostra e um deles de uma das auditoras das Big<sup>4</sup>. Solicitamos a cerca de 26 profissionais da área de auditoria a resposta à nossa entrevista, tendo sido realizadas ao todo 7 entrevistas.

## **2.6 Questionários**

O questionário é um instrumento de recolha de dados constituído por um conjunto ordenado de questões, sucintas e o mais claras possível para não causar dúvidas nas respostas às mesmas. Os questionários devem ser respondidos por escrito e sem a presença do investigador. O que sucedeu neste estudo, dado que a totalidade dos questionários foram enviados por email e recebidos pela mesma via.

O questionário, como instrumento de recolha de dados apresenta vantagens ao nível da economia de tempo; do grande número de dados que faculta, da rapidez com que se obtém a resposta; e no facto de dar maior segurança, uma vez que as respostas não são identificadas e o tempo para responder ser da responsabilidade do inquirido, não estando este sob pressão. Como desvantagens, destaca-se a percentagem dos questionários que é devolvida, o número

de respostas que fica por responder e a impossibilidade de apoiar o respondente caso existam dúvidas (Hill & A., 2005)

## **2.7 Entrevistas**

É ainda importante atender às características individuais dos intervenientes num processo destes, dado que o seu comportamento encontra correspondência no processo investigativo (Bogdan & Biklen, 1994)

Dado que quando são utilizadas as entrevistas como técnica de recolha de dados, é necessário estudar profundamente a tipologia da entrevista, existem entrevistas semiestruturadas, não estruturadas e estruturadas, dependendo a sua aplicação do tipo de investigação e do entrevistado em mente. Dado que o nosso estudo é essencialmente de controlo e de aprofundamento, optámos por entrevistas semiestruturadas.

Este tipo de recolha de dados apresenta como principal vantagem a recolha de um número significativo de dados, através da observação e da leitura dos entrevistados e como principal desvantagem a limitação do número de entrevistados e o tempo necessário para as realizar.

## **2.8 Caracterização da população**

Nesta investigação, a recolha de dados assentou na consulta aos Relatórios de Contas e às Demonstrações Financeiras Consolidadas e Notas do Anexo, de 2013, das entidades cotadas no PSI 20, em 2014. Não fazem parte deste estudo o Banco Espírito Santo, agora Novo Banco, a Espírito Santo Financial Group e a PT em virtude dos acontecimentos ocorridos no presente ano. A NOS também não irá fazer parte deste estudo pois, em 2013, o Grupo surgiu em consequência da fusão entre a Zon Multimédia e a Optimus, das 20 empresas do PSI20, iremos centrar o nosso estudo em 16.

O PSI 20 é o principal índice de referência da Bolsa Nacional, é constituído por ações emitidas por, no máximo, as 20 empresas, com valor mais elevado no que respeita à capitalização bolsista efetivamente dispersa (free float market capitalization). Para desta forma aumentar a estabilidade do índice e lidar com a fragmentação das transações.

## 2.9 Técnicas de análise dos dados

Como investigadores, o nosso interesse reside em encontrar resultados que se apliquem a uma determinada população. Escolhida a população e o caso a estudar recolhemos informações, dados da amostra da população, utilizando estes dados para a investigação da problemática encontrada, e, a partir daí inferir para a população como um todo (Field, 2005).

Uma vez que utilizamos os instrumentos de recolha de dados os questionários e as entrevistas, optámos pela análise estatística, pela análise de conteúdo e pela triangulação de dados.

Para o tratamento dos questionários, decidimo-nos pelo uso do Software Statistical Package for Social Sciences (SPSS – versão 22). Esta ferramenta permitiu-nos efetuar uma análise estatística, utilizando medidas estatísticas de distribuição, de tendência central e de dispersão (Pestana & Gajairo, 2008).

A estatística descritiva é utilizada para descrever os dados através de indicadores como a média, a moda e o desvio padrão.

Para a nossa investigação utilizamos variáveis ordinais (também designadas por qualitativas), definindo diferentes graus para as variáveis em estudo, existindo entre elas uma relação de ordem, pela escala de Likert, em que 1  $\equiv$  discordo totalmente, 2  $\equiv$  discordo, 3  $\equiv$  não concordo, nem discordo, 4  $\equiv$  concordo e 5  $\equiv$  concordo totalmente.

Como medidas de tendência central, recorreremos ao cálculo da média, da mediana, da moda e do percentil (25%, 50% e 75%)

Como medidas de dispersão calculamos a variância, o desvio padrão e o coeficiente de dispersão.

Para verificar o tipo de simetria da distribuição analisamos a medida de assimetria dada pelo quociente de assimetria e a curtose (achatamento) através do cálculo do quociente entre a curtose e o erro padrão da curtose.

O coeficiente de dispersão consideramos como importante dado que é uma medida de dispersão que compara as distribuições e a percentagem de valores que se afastam da média.

## **2.10 Análise de conteúdo**

Conforme já foi referido, neste estudo iremos utilizar a análise de conteúdo para aferir sobre as informações recolhidas, quer na análise da questão aberta do questionário, quer da análise das entrevistas efetuadas.

Dado que é objeto desta investigação uma amostra de 16 empresas é também necessário o uso desta técnica, uma vez que a leitura dos Relatórios de Sustentabilidade destas empresas é fundamental.

(Bardin, 2000) Aponta como etapas para o sucesso do uso desta técnica: a pré-análise, a descrição analítica e a interpretação inferencial. A pré-análise tem por objetivo a organização do material. Na segunda inicia-se o estudo do material organizado, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos. A última consiste na interpretação inferencial, apoiada nos materiais de informação.

## **2.11 Triangulação de dados**

Esta técnica é defendida por (Yin, 2001) como uma técnica que permite utilizar várias fontes de evidências, pois contribui para a validade do constructo dos instrumentos utilizados, dado que várias fontes fornecem várias avaliações do mesmo fenómeno.

O tipo de triangulação de dados torna-se aqui fundamental dado que os dados recolhidos através de questionários, da análise de conteúdo aos documentos já mencionados anteriormente é fundamental para aferir sobre a verificação ou não das hipóteses em estudo.

## **2.12 Caracterização geral da investigação empírica**

Iniciaremos, neste ponto do estudo a apresentação da análise efetuada aos dados recolhidos.

Antes de realizar o estudo de validade do instrumento, foi necessário proceder à análise do questionário e aos valores de não resposta. Não foram eliminados questionários, dado que a percentagem de não respostas a duas questões foi significativamente inferior a 10% das questões (Bryman & Cramer, 1999).

A confiança foi medida utilizando o coeficiente Alpha de Cronbach (Cronbach, 1951) para analisar a consistência das respostas para cada escala de questionário.

Procedemos à análise da consistência interna do conjunto objeto de investigação, utilizando o cálculo dos coeficientes de correlação linear R de Pearson e do Ró de Spearman para identificar a correlação dos itens numa escala. Os itens a eliminar seriam aqueles que apresentassem uma correlação inferior a 0,30 da escala total (Pestana & Gajairo, 2008) p. 19, 24, 28, 36, 64-80).

### **2.13 Análise exploratória descritiva**

Os resultados da pesquisa serão apresentados em dois grandes grupos: o primeiro refere-se à análise exploratória dos dados e o segundo ao conjunto de conclusões aferidas através das técnicas de análise de conteúdo e de triangulação dos dados (Sampieri, Collado, & Lucio, 2006).

### **2.14 Estrutura dos questionários aplicados**

O questionário está estruturado em três categorias: na primeira, consta algumas questões de forma genérica sobre a sustentabilidade e o valor desta para a organização e em Portugal.

Na segunda categoria, foram realizadas questões de forma específica sobre os relatórios de sustentabilidade, a sua preparação e comunicação bem como a criação, ou não, de valor para a organização.

Na terceira categoria, procurou-se refletir a opinião dos auditores, se existem conhecimentos para verificar a veracidade dos factos relatados no relatório de sustentabilidade.

De um número de 77 questionários enviados foram respondidos 19, ficando por responder 58 questionários pelos motivos anteriormente expendidos.

### **2.15 Estrutura da entrevista**

A entrevista encontra-se estruturada na parte inicial por informação relativa à experiência do entrevistado e por 7 questões abertas sobre a temática em estudo. No final da entrevista, e no sentido de obter opiniões e sugestões que possam apoiar a investigação colocamos um espaço aberto a comentários.

Nas entrevistas, foi solicitada a colaboração a 26 profissionais da área, no entanto, apenas conseguimos efetuar 7 entrevistas.

## **2.16 Hipóteses e resultados**

Sendo que o objetivo genérico deste trabalho de investigação é o de verificar qual a situação do relatório de sustentabilidade em Portugal e se as organizações olham para o mesmo como uma mais-valia ou uma forma de criar valor a médio e longo prazo, foram formuladas as seguintes hipóteses de investigação:

### **Hipótese 1:**

Verificar se as empresas da amostra, membros do BCSD, do PSI20 elaboram o relato da sustentabilidade de acordo com as guidelines da Global Reporting Initiative (G3 e G4).

**Hipótese A1:** Quais as empresas que realizam o relatório de sustentabilidade nos moldes da GRI.

**Hipótese B.1:** Quais as empresas que relatam o RS que são objeto de auditoria externa quanto às guidelines da GRI aplicadas.

### **Hipótese 2:**

Aferir sobre a forma como o relato da sustentabilidade é efetuado nas empresas objeto deste estudo.

**Hipótese A.2:** As empresas da amostra, refletem no seu RS, o conhecimento sobre o impacto global (ambiental, económico, social e financeiro) da sua atividade.

**Hipótese B.2:** As empresas da amostra, com presença no mercado global adotam regras para a elaboração do RS nos países onde se encontram?

### **Hipótese 3:**

Aferir quanto ao papel dos auditores na temática da sustentabilidade e o seu contributo.

**Hipótese A.3:** A formação dos auditores portugueses é suficiente na temática da sustentabilidade.

**Hipótese B.3:** A elaboração do RS é ainda encarada como uma ferramenta de marketing por parte destas empresas.

O estudo dos itens do questionário enviados aos profissionais iniciou-se pela análise da dimensionalidade das questões relativas à avaliação formuladas em escala de Likert, divididas em 3 grandes domínios: (i) sustentabilidade e o seu relato, (ii) o relatório de sustentabilidade e (iii) auditores e a sua visão.

Neste sentido, analisamos estatisticamente as respostas, para cada um dos domínios identificados nos quadros seguintes.

<b>Primeiro domínio – Sustentabilidade e o seu relato</b>	
<b>Questão</b>	<b>Descrição</b>
1.1.1	O desenvolvimento sustentável está diretamente relacionado com a criação de valor para a empresa
1.1.2	O desenvolvimento sustentável está diretamente relacionado com a redução da exposição ao risco
1.2.1	Qual a frequência de questões de ordem ambiental e social que conduzem a implicações financeiras diretas tais como o maior aproveitamento dos recursos disponíveis da empresa
1.2.2	Qual a frequência de questões de ordem ambiental e social que conduzem a implicações financeiras diretas tais como a redução de custos fixos versus o ambiente
1.2.3	Qual a frequência de questões de ordem ambiental e social que conduzem a implicações financeiras diretas tais como o esforço financeiro gerado para a criação de projetos sociais e ambientais
1.3	Em Portugal é possível, atualmente, que a sustentabilidade faça parte da estratégia da organização
1.4	Pode-se dizer, atualmente, que a sustentabilidade é reconhecida na maioria das empresas por ser valiosa a médio e longo prazo mas a dificuldade de quantificar o valor da sustentabilidade para o negócio é o maior entrave para o seu sucesso

*Quadro 6 - Primeiro domínio - Sustentabilidade e o seu relato*

Fonte: Elaborado pelo mestrando, 2014

<b>Segundo domínio – O Relatório de Sustentabilidade</b>	
<b>Questão</b>	<b>Descrição</b>
2.1	O RS contribui para a deteção de riscos e a antecipação de oportunidades para a organização
2.2	O RS contribui para o reforço da confiança dos stakeholders na organização
2.3	O RS deveria passar a ser obrigatório e regulado nas empresas com volume de negócio ano superior a 500.000€, tendo em conta que poderia melhorar a sua credibilidade e fiabilidade
2.4	O RS deveria ser certificado por entidades externas e, portanto, deve ser incluído no relatório e contas da organização (relato integrado)
2.5.1	Os aspetos mais relevantes que a organização deve ter em consideração antes de elaborar o relatório de sustentabilidade: Mudança da visão estratégica da organização de médio e longo prazo
2.5.2	Os aspetos mais relevantes que a organização deve ter em consideração antes de elaborar o relatório de sustentabilidade: Compreender os impactos sociais e ambientais das suas atividades
2.5.3	Os aspetos mais relevantes que a organização deve ter em consideração antes de elaborar o relatório de sustentabilidade: efetuar um diálogo com os stakeholders sobre a estratégia da sustentabilidade
2.5.4	Os aspetos mais relevantes que a organização deve ter em consideração antes de elaborar o relatório de sustentabilidade: benefícios económicos que poderão advir da elaboração do relatório de sustentabilidade
2.6	A normalização das normas e a homogeneização da linguagem utilizada nos relatórios de sustentabilidade traria maior confiança e fiabilidade
2.7	Em Portugal, os relatórios de sustentabilidade são peças de pouca importância para a estratégia da organização, pois não refletem os verdadeiros riscos e oportunidades que estas enfrentam

*Quadro 7 - Segundo domínio - O Relatório de Sustentabilidade*

Fonte: Elaborado pelo mestrando, 2014

<b>Terceiro domínio – Auditores e a sua visão</b>	
<b>Questão</b>	<b>Descrição</b>
3.1	Existe formação suficiente na área de sustentabilidade para os auditores realizarem o seu trabalho de forma eficaz e eficiente
3.2	Pode o auditor/revisor reunir conhecimentos para apoiar as empresas na preparação e desenvolvimento de sistemas de recolha de informação e relato de aspetos relacionados com a sustentabilidade
3.3	O auditor/revisor deve promover a sustentabilidade como meio para descobrir fraudes, erros ou falhas como, por exemplo, a crise de mercados em 2008
3.4	Para o auditor/revisor os relatórios de sustentabilidade são importantes no futuro das empresas
3.5	Os órgãos executivos deviam ter um papel mais ativo na construção dos relatórios de sustentabilidade

*Quadro 8 - Terceiro domínio - Auditores e a sua visão*

Fonte: Elaborado pelo mestrando, 2014

## **2.2 Estudo empírico**

Este estudo é dirigido às empresas do PSI20, sobre a elaboração, ou não, do relatório de sustentabilidade, que normativos utilizam e se este é verificado por entidades externas independentes a organização.

Não fazem parte deste estudo o Banco Espírito Santo, agora Novo Banco, a Espírito Santo Financial Group e a PT em virtude dos acontecimentos ocorridos no presente ano. A NOS também não irá fazer parte deste estudo pois, em 2013, o Grupo surgiu em consequência da fusão entre a Zon Multimédia e a Optimus.

Será realizada uma análise das empresas que elaboram, ou não, o relatório de sustentabilidade, bem como os aspetos mais importantes que estas focam.

Empresas PSI 20	Publicação RS	Norma utilizada	Verificação externa do RS	Empresa externa
ALTRI SGPS	Não	-	Não	-
BCP	Sim	GRI g3.1	Sim	KPMG
BPI	Não	-	Não	-
BES	Sim	GRI g3.1	Sim	KPMG
BANIF	Sim	GRI g4	Não	-
CTT	Sim	GRI g3.1	Sim	PWC
EDP	Sim	GRI g3.1	Sim	KPMG
EDP RENOVAVEIS	Sim	GRI g3.1	Sim	KPMG
ESFG	Não	-	Não	-
GALP	Sim	GRI g3.1	Sim	PWC
IMPRESA	Não	-	Não	-
JERONIMO MARTINS	Não	-	Não	-
MOTA ENGLIL	Sim	GRI g3.1	Não	-
PORTUCEL	Sim	GRI g3.1	Sim	PWC
PT TELECOM SGPS	Sim	GRI g4	Sim	
REN	Sim	GRI g3.1	Sim	PWC
SEMAPA	Não	-	Não	-
SONAE	Sim	GRI g3.1	Sim	KPMG
TEIXEIRA DUARTE	Não	-	Não	-
NOS SGPS	Não	-	Não	-

*Quadro 9 - Empresas do PSI 20*

Fonte: Elaborado pelo mestrando, 2014

As empresas que não elaboram relatório de sustentabilidade foram a Altri SGPS, BPI, BANIF, ESGF, IMPRESA, Jerónimo Martins, Mota Engil, Semapa, Teixeira Duarte e a Nos SGPS, pelos motivos a seguir explicados.

### **2.2.1 Altri**

Empresa de referência na Europa na produção de pasta de eucalipto, gere em Portugal 84 mil hectares de floresta certificada e é autossuficiente em energia elétrica. O Grupo Altri é membro do BCSD (Business Council for Sustainable Development) e do WBCSD (World Business Council for Sustainable Development). O grupo não realiza relatório de sustentabilidade apesar de no seu relatório e contas focar os elementos essenciais para si a nível de sustentabilidade:

- Ambiente: O grupo é autossuficiente em energia elétrica e ainda vende à rede elétrica nacional. Utiliza um sistema de cogeração onde é feita uma produção mista de energia térmica e energia elétrica para uso industrial. Desde 2010 o consumo de combustíveis e de água tem vindo a diminuir de forma gradual, otimizando os recursos.
- Certificados dos sistemas de gestão: Todas as unidades do Grupo Altri estão devidamente certificadas por diversas normas internacionais.
- Recursos humanos: Ações de desenvolvimento de competências dos quadros superiores.
- Responsabilidade social: Geração de emprego nas áreas de localização onde opera e iniciativas locais de apoio de projetos e donativos gerais.

### **2.2.2 BPI**

O banco BPI, de forma integrada, no seu relatório e contas tem um ponto relativo à responsabilidade social. Nesta temática o banco divulga as suas iniciativas para a qualidade do seu serviço, a sua retenção de talentos, apoios e donativos a ações sociais e empreendedorismo.

### **2.2.3 Impresa**

O grupo Impresa não realiza relatório de sustentabilidade nem é membro do BCSD. Conta com iniciativas a nível editorial, através do Jornal Expresso e da revista Visão sobre a temática da sustentabilidade, do desenvolvimento sustentável e iniciativas de solidariedade, sendo uma delas a doação de 0,50€ por cada revista vendida no mês de Novembro da revista Visão a um grupo de 10 instituições de solidariedade selecionadas pela revista, o banco Montepio e SIC Esperança. A SIC Esperança é outra via de compromisso social realizado pelo Grupo, que esta estruturada para a recolha e entrega de bens a associações e instituições de solidariedade sem fins lucrativos.

### **2.2.4 Jerónimo Martins**

O grupo Jerónimo Martins é membro do BCSD e não elabora um relatório de sustentabilidade. Elabora integrado no seu relatório e contas um capítulo com o título de “Responsabilidade Corporativa na Criação de Valor”. Os pilares da responsabilidade do Grupo são:

- Promover a sua pela alimentação, através da segurança e qualidade alimentar;
- Respeitar o ambiente, promovendo praticas sustentáveis através das áreas de gestão de resíduos, alterações climáticas e biodiversidade;
- Comprar com responsabilidade com a compra de mercadoria a preços justos promovendo o mercado nacional;
- Apoio a comunidades locais com donativos e iniciativas aos mais carenciados;
- Ser um empregador de referência com salários justos e num ambiente de trabalho competitivo.

### **2.2.5 Mota Engil**

O grupo Mota Engil membro do BSCD elabora, integrado no relatório e contas, um caderno de sustentabilidade que não tem ligação às diretrizes da GRI e não é verificado externamente. A Mota Engil considera que o caderno de sustentabilidade que realiza, que é a comunicação aos stakeholders do seu desempenho social, ambiental e económico é um elemento fundamental na estratégia da empresa. O diálogo estabelecido com as partes interessadas

com especial foco nos seus colaboradores internos constitui uma mais-valia numa política de comunicação eficaz.

A nível social o grupo conta com a Fundação Manuel António da Mota, principal instrumento de responsabilidade, social, que tem como principal via os apoios no domínio social, educativo, formativo e cultural à comunidade. O grupo conta com outras iniciativas e apoios a outras instituições de cariz social e educativo.

A nível ambiental a Indaqua ocupa lugar de destaque e como empresa do setor das águas tem como especial atenção o uso eficiente da água. Desde 2011 que a organização tem diminuído consistentemente as perdas de água. O grupo conta também com uma plataforma de gestão de informação que recolhe todos os indicadores ambientais de cada área de atividade do grupo para poder comparar com os anos anteriores e verificar aspetos a melhorar.

A investigação e desenvolvimento esta presente no grupo pois é um meio indiscutível de aproveitamento de novas ideias e novos projetos que sustentem o grupo a longo prazo.

## **2.2.6 Semapa**

O grupo Semapa não realizou relatório de sustentabilidade, no entanto, no seu relatório e contas de 2013 está integrada a temática da sustentabilidade. O grupo no ano de 2013 em matéria de sustentabilidade levou a cabo 2 medidas importantes:

- A elaboração de um “Handbook dos Indicadores de Sustentabilidade” para reforçar e consolidar os procedimentos juntos dos seus colaboradores das melhores práticas de sustentabilidade com os seus indicadores;
- Preparação e início de implementação do “Projeto de Gestão da Performance de Sustentabilidade do Grupo”, consistindo na centralização, recolha, informatização SAP e reporte da Informação de Sustentabilidade.

O grupo assenta a sua estratégia de sustentabilidade em 4 áreas: a gestão sustentável da floresta e o abastecimento de madeiras, produção de energia, a redução de emissão de gases poluentes nas suas fábricas (nível ambiental) e a investigação e desenvolvimento.

A nível de gestão sustentável o grupo no final de 2013 era responsável por 120 mil hectares de áreas agroflorestais. A estratégia é continuar a aquisição ou arrendamento de novos terrenos de forma sustentável com o objetivo de renovar para obter ganhos de produtividade implementando as melhores práticas de gestão e silvícolas.

Em termos de produção de energia, o grupo produz 5% da produção total nacional através da cogerações a biomassa. A Semapa tem duas centrais termoelétricas a biomassa dos Complexos Industriais de Cacia e de Setúbal e as três centrais de cogeração a biomassa do Grupo.

A nível ambiental o grupo Portucel, pertencente à Semapa, implementou um novo modelo para a monitorização e controlo das emissões gasosas que resultam das suas atividades de combustão para melhor controlo da emissão de gases poluentes. Para o cumprimento da legislação o grupo Semapa promove as melhores práticas para minorar os impactos que a sua atividade tem na sociedade.

O grupo aposta forte na investigação e desenvolvimento para estar na vanguarda de produtos de qualidade a preços competitivos. Em 2011 o investimento em I&D atingiu os 3,7 milhões de euros e no final de 2013 superou os 9 milhões de euros. Os investimentos mais significativos encontram-se nas áreas florestais, pasta e papel.

### **2.2.7 Teixeira Duarte**

No relatório e contas da Teixeira Duarte não é efetuada qualquer referência à palavra Sustentabilidade. No de 2010, a organização elaborou um relatório de sustentabilidade de acordo com a GRI G3 de nível B mas, a partir dessa data não elaborou mais nenhum relatório.

No entanto, a Teixeira Duarte elabora um relatório de responsabilidade social onde versa sucintamente sobre as áreas da saúde e segurança no trabalho, formação e qualificação profissional, partilha de informação e outros aspetos complementares.

As empresas que realizam o relatório de sustentabilidade foram as descritas em baixo:

### **2.2.8 BCP**

O Banco Millennium BCP elabora relatório de sustentabilidade devidamente verificado e certificado por uma entidade externa, a KPMG, com o seu principal objetivo mostrar o valor para a organização da sustentabilidade a médio e longo prazo a nível económico, social e ambiental. Atividades com a aposta na literacia financeira a nível económico e a diminuição

de custos administrativos diminuindo a pegada ecológica e aumentando a eficiência dos recursos são bandeiras que o banco quer impor.

No seu relatório de sustentabilidade o BCP de 2013 realizou uma matriz de materialidade com o nível de impacto para os stakeholders e para o banco. Conclui-se que a sensibilização a nível ambiental e os acordos com IPSS/ONG tem um nível baixo de risco, enquanto no lado apostado, maior nível de risco, está a reputação do banco.

A nível de responsabilidade económica o Millennium procura dar a melhor formação aos seus colaboradores estimulando a competitividade e qualidade entre os seus colaboradores numa perspetiva futura de sustentabilidade do banco de forma a assumir cargos de responsabilidade futuramente. A auditoria interna é relevante para o processo de sustentabilidade pois procura a adequação e a eficácia do sistema de controlo interno do banco e assegurar a adequação dos processos de identificação e gestão de risco e de governação.

A nível de responsabilidade social são realizados apoios e donativos a IPSS/ONG e iniciativas, não só em Portugal como nos países em que o banco tem sucursais. O banco conta também com a Fundação Millennium BCP no apoio a cultura, educação e beneficência. O apoio a pequenas empresas, através do microcrédito, é uma alternativa ao financiamento tradicional que o banco disponibiliza para o apoio a novos empresários e incentivo ao empreendedorismo como instrumento de combate ao desemprego e exclusão social.

A nível de responsabilidade ambiental o banco tem dois princípios fundamentais:

- Otimização dos processos
- Sensibilização ambiental

A melhoria dos seus equipamentos e infraestruturas com vista o melhoramento dos processos e na imagem do banco procura satisfazer os seus clientes e ao mesmo tempo reduzir custos fixos (água, materiais, energia, etc). Na sensibilização ambiental procura-se essencialmente alertar os colaboradores do banco da importância não só ambiental de reduzir papel impresso, consumíveis gastos, ou seja, adotar comportamentos ambientalmente mais responsáveis mas também o que daí pode advir para o banco através de essencialmente de redução de custos.

## 2.2.9 Banif

O Banco Internacional do Funchal, Banif, incorpora na sua estratégia a sustentabilidade com o envolvimento de todos os stakeholders. Já é o sétimo relatório de sustentabilidade realizado e é a única organização do PSI 20 português que elaborou o RS de acordo com a nova versão do GRI 4.0, apesar de não ter sido sujeito a verificação por uma entidade independente. Numa fase complicada do banco, encontra-se em reestruturação devido a entrada de capitais do estado português, a consolidação das contas é muito importante sendo a reestruturação de custos no Banif e a sua capitalização como essenciais para enfrentar desafios e oportunidades futuras.

Entre 2012 e 2013 o banco reduziu em 30% os custos que advém da otimização dos recursos onde os despedimentos tem um peso significativo, diminuindo infelizmente em 27% a distribuição de valor (patrocínios não comerciais, donativos e outros apoios) pelas diversas partes interessadas. C4-EN3; C4-EN4

No seu relatório de sustentabilidade de 2013 o Banif realizou a iniciativa “Vamos ouvir” que consistia essencialmente na consulta dos stakeholders em matéria de sustentabilidade para no final, como conclusão, construir uma matriz de materialidade. Quatro temas ficaram num nível de risco elevado para relevância para a sociedade e de relevância para o negócio:

- Apoio ao empreendedorismo
- Voluntariado empresarial
- Gestão de talentos
- Apoio a educação

Em consequência dos resultados, o Banif reestruturou aos eixos estratégicos da sua política de sustentabilidade com a inclusão dos 4 temas acima referidos.

Um dos pilares fundamentais que assegura a sustentabilidade do grupo é a gestão de risco. A redução dos efeitos das adversidades que podem influenciar negativamente a atividade financeira do banco é um dos seus principais objetivos.

O Banif, a nível ambiental, faz como sua bandeira na sustentabilidade a redução no consumo de papel, tonners e energia elétrica, tomando medidas mais eficientes e ecológicas como via também de contenção de custos. Essa redução tem vindo a ser gradual desde 2011. É

importante referir também que o banco tem 45,9 milhões de euros de ativos sob gestão em fundos de carácter ambiental (Luso Carbon Fund e NewEnergy Fund). G4-EN6

A nível social, o apoio à educação, promoção do empreendedorismo, voluntariado empresarial e literacia financeira são áreas que o banco segue atentamente e são integradas na sua estratégia de sustentabilidade. Existem também programas de envolvimento das comunidades locais em iniciativas de apoio a instituições de solidariedade e combate a exclusão social. G4-FS13

### **2.2.10 CTT**

Os Correios de Portugal, denominados por CTT, têm três áreas de negócio: Correio e Soluções Empresariais, Expresso e Encomendas e Serviços Financeiros. Realiza o seu nono relatório de sustentabilidade e é elaborado de acordo com a estrutura e conteúdo das diretrizes da GRI, na sua versão 3.1, apesar de estar expresso no seu relatório a evolução do próximo reporte para a nova versão da GRI 4. Os Correios de Portugal, no final do ano de 2013, foram privatizados com sucesso e que certamente irá trazer mais foco na temática da sustentabilidade.

A gestão de risco assume uma posição importante na sustentabilidade dos CTT. Numa criação de cultura organizacional, o CCT, promovem o envolvimento de todas as partes da organização, a mitigação dos riscos identificados bem como a procura de oportunidades. GRI 4.9 e 4.11

Os stakeholders têm vindo a assumir um papel mais preponderante com as suas críticas e exigências a organização. As partes interessadas (acionistas, clientes, fornecedores, reguladores, entre outros) são ouvidos de diversas formas e no final são adotadas medidas que vão de encontro, mediante possibilidade da organização, ao desejo dos mesmos. GRI 14, 16 e 17.

A formação e desenvolvimento de carreira dos seus trabalhadores tem sido constante. A organização promove os seus colaboradores com competências e elevados níveis de motivação para ajudar a empresa a longo prazo a ultrapassar as adversidades. GRI LA10 e GRI 4.16

Na ação social, os CTT têm plena consciência do seu impacto nacional pode provocar. A organização tem vários projetos de cariz social onde se destaca o projeto desde 2008 que continua ativo que consiste na doação de produtos alimentares, livros e fundos a 25 instituições de solidariedade. GRI EC8

A nível ambiental, os CTT têm uma enorme preocupação dada os fortes impactos negativos que a sua atividade pode trazer. A modernização das suas viaturas (175 novas das quais 10 elétricas), a redução de papel impresso (10%) e a redução de outros consumos são um elemento importante neste relatório, apesar de 2/3 da sua pegada carbónica ser derivada da sua frota dada a sua atividade. GRI EN29.

### **2.2.11 EDP**

A EDP elabora o seu relatório de sustentabilidade integrado no relatório e contas, segundo a GRI versão 3.1 e é verificado por uma entidade externa. No seu sector a EDP é uma das melhores empresas a nível mundial, tendo inclusivamente ter sido considerada líder mundial do sector Utilities do Índice Dow Jones de Sustentabilidade<sup>13</sup> pela excelência na gestão de risco e no desenvolvimento do capital humano. Em termos económicos a EDP aumentou de 29,5% para 32,8% as suas receitas através de instalações certificadas. EC1

O investimento social superou, em 2013, os 27 milhões de euros e envolveu mais de 2 milhões de pessoas, através das 3 fundações que a EDP detém para promover a inclusão social, apoios a cultura, empreendedorismo, educação e inovação tecnológica. EC9

Parcerias com universidades e projetos e competições empresariais, nacionais e internacionais, são fontes de recrutamento da EDP. Conta também com estágios e progressão interna na carreira que permite criar estabilidade e sustentabilidade.

A nível ambiental, no combate as alterações climáticas, aumentou-se a capacidade de produção energética em centrais hidroelétricas, eólicas e solar. Também tem existido a promoção para melhorar a eficiência energética por parte dos consumidores. EC2

---

<sup>13</sup> O Dow Jones Sustainability Index World é um indicador de performance financeira. Foi lançado em 1999 como o primeiro indicador da performance financeira das empresas líderes em sustentabilidade a nível global. As empresas que constam deste Índice, indexado à bolsa de Nova Iorque, são classificadas como as mais capazes de criar valor para os acionistas, a longo prazo, através de uma gestão dos riscos associados tanto a fatores económicos, como ambientais e sociais.

Um dos principais objetivos do grupo é certificar ambientalmente as suas instalações nas fases de projeto, construção e desativação o que neste momento corresponde a 76% da potência líquida instalada. EN26

A nível social o voluntariado é visto como sendo uma forma indispensável de ajuda por parte do grupo aos mais carenciados, tendo em 2013 ajudado diretamente 255 mil pessoas e gasto perto de 500 mil euros em horas ao serviço da comunidade. O apoio a comunidades locais, essencialmente através dos seus centros de produção, com projetos partilhados com os municípios de cariz social, são uma ajuda importante. EU20

### **2.2.11.1 EDP**

A EDP Renováveis não é uma empresa de serviços públicos tradicionais, é uma empresa de geração de energia a partir de fontes renováveis. Esta elabora o relatório de sustentabilidade segundo as diretrizes da GRI 3.1 e é verificado por uma entidade independente. Disponibiliza ainda informação sobre os indicadores supletivos do setor elétrico diretamente relacionados com o negócio da empresa.

A nível económico a EDP Renováveis tem um grande impacto nas comunidades locais visto que os ativos são geralmente construídos em locais remotos, trazendo benefícios económicos positivos para as comunidades locais e contribuindo para o combate global contra as alterações climáticas. EC1

A organização promove a mudança dos combustíveis fósseis convencionais para as energias renováveis sendo uma das maneiras mais eficazes e viáveis de, a curto prazo, atenuar a mudança climática. A mudança de hábitos de utilização energética impulsiona o crescimento económico sustentável, preservando os recursos naturais e a redução da poluição. EC2

A necessidade de investimento em infraestruturas e estradas nas comunidades locais, por vezes remotas, é necessária beneficiando as regiões locais para futuros investimentos. Em 2013 esse investimento superou os 7 milhões de euros. EC8

Dada a sua atividade, a organização está empenhada na proteção ambiental onde a sua estratégia se centra em 3 aspetos: conformidade legal, gestão de riscos e melhoria contínua.

A geração de energia é realizada através de energia limpa. A organização produz 350.500 vezes mais energia do que a que consome. Para isso contribui não só a sua atividade mas também as formações e campanhas internas de promoção de comportamentos sustentáveis.  
EN7

Sendo o impacto na biodiversidade elevado a organização explora todas as maneiras de o diminuir. A gestão do impacto sobre a biodiversidade faz parte integrante da política ambiental da EDP Renováveis. Evitam a construção de parques eólicos onde ponha em risco a biodiversidade e tomam medidas compensatórias quando assim não é possível. EN14

Quanto ao seu desempenho social, um dos principais objetivos da organização em termos de recursos humanos é desenvolver e reter talentos de forma a criar valor não só no presente como também no futuro.

Está presente na estratégia da organização a saúde e segurança dos seus colaboradores bem como o aumento das suas competências. São realizadas várias formações e atividades de avaliação de riscos para cada posto e trabalho e formações específicas para cada setor de atividade da EDP Renováveis. LA10, LA11

O apoio à educação é das principais apostas na componente social pela organização. Pelo terceiro ano consecutivo, o programa Green Education atribui mais de 90 bolsas a jovens estudantes de Espanha, Polónia, Roménia e Portugal com base no seu desempenho e rendimento familiar. Este programa reforça as ligações com as comunidades locais e em junho de 2013, o município de Tarifa (Espanha) premiou a EDPR, reconhecendo o sucesso deste programa.

A energia produzida nos parques eólicos é um fator de desenvolvimento económico duradouro para os municípios onde está presente. A EDP Renováveis tem diversos programas para avaliar e gerir o impacto nas comunidades e potenciar o seu valor. SO1

A organização possui processos internos de deteção de fraude e de monitorizar o cumprimento do código de ética, juntamente com ações corretivas em caso de incidentes.  
SO4

### **2.2.12 GALP**

O relatório foi preparado de acordo com as orientações da Global Reporting Initiative GRI G3 e apresenta um nível de cumprimento correspondente ao nível A+. É o oitavo relatório que o grupo publica sendo que o processo de reporte da informação da sustentabilidade baseou-se, em virtude da sua atividade, na “Oil and Gas Industry Guidance on Voluntary Sustainability Reporting” da indústria internacional petrolífera.

A GALP mantém a sua estratégia energética alinhada com a União Europeia, utilizando a mais avançada tecnologia para a procura e exploração de matéria-prima de forma segura e sustentável. A criação de uma nova fábrica de produção de biodiesel utilizando apenas resíduos, como óleos usados, é um marco a nível nacional que reduzirá as emissões CO2.

A organização manteve a sua presença no Índice Dow Jones de Sustentabilidade o que é resultado das práticas responsáveis e sustentáveis que esta prática.

Em consequência, da sua atividade de extração de petróleo, os riscos relacionados com as águas e solos são de muita importância tendo a Galp desenvolvido estratégias para mitigar esses riscos, através de uma estratégia de prevenção de manter equipas preparadas para atuar em situações de emergência minorando os riscos e custos associados, entre outras. EN26

Através de doações, por exemplo, ao fundo da Amazônia, a organização tenta compensar o desgaste dos solos e das águas e alguns incidentes para o projeto de reflorestamento e qualidade ambiental. EN3

A nível social a estratégia de responsabilidade social da Galp tem 3 vertentes: a educação, segurança e saúde e o ambiente. Para um melhor investimento social o grupo utiliza a metodologia da London Benchmarking Group<sup>14</sup>, para avaliar os impactos das suas contribuições que em 2013, ascenderam a 9 milhões de euros. EC8

### **2.2.13 Portucel**

O grupo adotou a versão G3.1 da Global Reporting Initiative com nível de credibilidade A+ para a realização do relatório de sustentabilidade. A política de sustentabilidade da Portucel adota os princípios da ética, da responsabilização e da cidadania empresarial. Nos anos de

---

<sup>14</sup> Empresa de consultoria que avalia o impacto direto e indireto dos investimentos da organização na sociedade e nos seus próprios negócios

2012 e 2013 foi elaborado um Handbook dos indicadores de sustentabilidade para consolidar os procedimentos internos na sustentabilidade e o início do projeto de gestão da performance de sustentabilidade do grupo.

A área de atividade do grupo, principalmente fabrico e comercialização de papel, tem grande importância a gestão florestal que o grupo considera um dos seus pilares para a sustentabilidade, a eficiência e especialização dos seus processos é fundamental. No final de 2013 o grupo era responsável por 120 mil hectares de área agroflorestais.

O processo de aquisição e arrendamento de novos solos permite a gestão eficaz dos solos renovando os solos e aumentando o rendimento do grupo através das melhores práticas de silvícolas e de gestão certificadas a nível internacional.

O apoio e combate aos incêndios é de grande importância para a Portucel, tendo gasto em 2013, 3 milhões de euros com formação e equipamentos de combate com o objetivo de aumentar a sua eficácia e eficiência. A manutenção e prevenção dos seus hectares para a mitigação do risco de fogo, o grupo estabelece várias parcerias com universidades nacionais e internacionais para estudar as melhores formas de prevenção.

O apoio social é importante tendo este vários projetos de apoio as crianças a nível de educação e de alimentação. O projeto Pera é um desses, que fornece a 150 crianças o pequeno-almoço diário das comunidades envolventes para suprir carências alimentares dos mais desfavorecidos.

#### **2.2.14 REN**

Membro do BCSD, a REN elabora o seu relatório de sustentabilidade de acordo com a GRI versão 3.1 com o nível máximo A+. Na avaliação do impacto das suas infraestruturas no meio ambiente o grupo tem como principal preocupação a biodiversidade. Minimizar o impacto das suas estruturas na avifauna é o principal objetivo. EN11

A REN tem também preocupação na limpeza e preservação florestal em consequência da sua atividade. Com o movimento Eco o grupo procura sensibilizar a população e através de um programa de reflorestação, já plantou 420 mil árvores nos últimos anos. EN30

O grupo reconhece que apesar da introdução de novas medidas energéticas eficientes em diversas regiões ainda podiam fazer mais e melhor. O investimento do desenvolvimento tecnológico nessas áreas tem que ser significativo eliminando barreiras existentes. P37

Um dos aspetos importantes da atividade da REN é a qualidade e segurança do serviço prestado. A melhoria ao longo dos anos tem sido contínua e sustentada na melhoria do seu desempenho. O grupo alimentou de energia elétrica os diversos pontos de entrega aos consumidores em 99,99998% do tempo (cerca de 999 horas, 59 minutos e 59 segundos, por cada 1.000 horas), o que traduz o nível elevado de qualidade do serviço prestado. EU12

A gestão de risco no relatório de sustentabilidade, como vimos anteriormente, é muito importante e a REN considera isso mesmo. Os riscos que a REN enfrenta são variados e podem afetar a mesma em aspetos selecionados como sendo os mais importantes pela organização: saúde e segurança, conformidade, ambiente, parte financeira e imagem e reputação.

#### **2.2.15 SONAE**

O reporte da sustentabilidade por parte da Sonae, que inclui as áreas de negócio da mesma como especial atenção na área do retalho. É apresentado de acordo com as diretrizes 3.1 da GRI com verificação externa independente.

A Sonae, segundo o seu relatório de sustentabilidade, acredita no crescimento sustentado em todas as vertentes: sociais, ambientais e económicas. A sua própria estratégia de negócio é suportada pela sustentabilidade. Dado que a mitigação dos riscos para o grupo é fundamental para atingir o desenvolvimento sustentável, esta identificou 4 áreas que mal acompanhadas põem em risco o seu negócio: a relação com os lojistas, a promoção do estilo de vida saudável do grupo, o desenvolvimento em toda a linha dos seus colaboradores e a capacidade de ser mais eficiente em termos energéticos tentando sempre ser o mais independente possível.

Em 2012, o grupo redefiniu a sua estratégia de sustentabilidade, e elaborou o projeto “Our Way to a Sustainable Life” que assenta em 3 eixos Better Purpose, Better Planet e Better People que é transversal a toda a empresa. Indicador 3.5

No negócio do retalho, o mais focado, é essencial a relação com os fornecedores. O desenvolvimento de marcas próprias exige que o produto e os fornecedores seja submetido

a vários testes de qualidade e segurança dependendo da sua origem e do seu risco inerente.  
Indicador 4.17

A nível ambiental a Sonae diminui os seus consumos e emissões, com especial destaque para a redução em 18% em emissões CO2. EN16

A nível social o grupo dispendeu, em 2013, cerca de 10 milhões euros em apoios à comunidade com um total de 2059 instituições auxiliadas. As áreas do ambiente, cultura, educação, saúde e inovação tecnológica são as que tem mais foco.

### **2.3 Resumo das empresas analisadas**

Depois da análise realizada às empresas deste estudo verificamos que existe uma diferença significativa na informação apresentada, no que diz respeito ao reporte da sustentabilidade, das empresas que elaboram o relatório de sustentabilidade (todas elas segundo as diretrizes da GRI) e as que não o fazem (Ver quadro 9).

A informação relatada no reporte da sustentabilidade segundo as diretrizes da GRI é claramente superior pois abrangem todas as áreas da organização, segundo os protocolos dos indicadores da GRI (Ver apêndice), enquanto as restantes cingem-se essencialmente pela responsabilidade social (apoios a causas sociais e práticas laborais) de forma não organizada.

Observamos também, segundo o quadro 9, que das empresas que realizam o relatório de sustentabilidade apenas duas (Banif e a Mota Engil) não são verificadas por uma entidade externa independente. No entanto, o Banif, estando na amostra do nosso estudo, apresenta o seu relatório de acordo com as novas diretrizes da GRI G4.

Importa também realçar que todas as empresas que relatam a sustentabilidade têm especial atenção aos impactos mais significativos que a sua atividade apresenta, dando maior relevo na sua análise a esses pontos. Por exemplo, os CTT têm especial atenção no seu relatório aos impactos ambientais da sua atividade (emissões de CO2 da sua frota e consumos de papel e restantes consumíveis). Na área da banca, O BCP, tem particular atenção aos impactos da sua imagem (referindo muitas vezes o aspeto da reputação), das suas atividades e a forma como comunica a sustentabilidade aos stakeholders.

### Capítulo III – Apresentação e Discussão de resultados



### 3.1 Análise descritiva

Neste ponto pretendemos apresentar a análise dos dados recolhidos relativamente ao 1º domínio, designado por Sustentabilidade e o seu relato (questões 1.1.1., 1.1.2., 1.2.1., 1.2.2., 1.2.3., 1.3. e 1.4) para verificação da hipótese 1 e sub-hipóteses A.1 e B.1.

De seguida, apresentaremos os resultados quanto ao segundo domínio – O relatório de Sustentabilidade (questões 2.1, 2.2, 2.3, 2.4, 2.5.1, 2.5.2, 2.5.3, 2.5.4, 2.6 e 2.7) para verificação da hipótese 2 e sub-hipóteses A.2 e B.2.

Para finalizar e quanto à análise do terceiro domínio – Auditores e a sua visão, analisamos as respostas às questões 3.1, 3.2, 3.3, 3.4 de 3.5 para verificação da hipótese 3 e sub-hipóteses A.3 e B.3.

Esta análise por domínio será cruzada com a análise empírica efetuada as empresas da nossa amostra e a análise descritiva efetuada. Para aferir sobre a verificação, ou não, das hipóteses aqui referidas, utilizaremos também a análise de conteúdo às entrevistas efetuadas e ao seu relacionamento com a análise cruzada referida anteriormente, terminando com a triangulação de dados.

#### 3.1.1 Análise da consistência

A análise da consistência interna dos fatores, que resulta da relação de variabilidade nas diferentes respostas dos inquiridos.

		N	%
Casos	Válido	17	89,5
	Excluídos <sup>a</sup>	2	10,5
	Total	19	100,0

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

*Quadro 10 - Resumo do processamento dos dados*

Dos 19 questionários em análise, o questionário nono não apresenta resposta às questões 1.4 e 2.6, o questionário décimo não apresenta resposta à questão 2.6. Considerando que o

número total de questões efetuadas são vinte e duas por questionário totalizando 418 questões pelo que a sua representatividade (de não respostas) é de 0.72%, tendo por isso considerado como válidos todos os questionários.

Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach com base em itens padronizados	N de itens
,851	,850	22

*Quadro 11 - Alfa de Cronbach*

O Alfa de Cronbach é uma das medidas utilizadas para verificar a consistência interna dos itens em análise, variando entre 0 e 1. Considera-se um Alfa de Cronbach de 0.85, apresenta uma boa consistência interna, sendo no entanto necessário conhecer as características de cada uns dos itens quanto aos valores da média e do desvio padrão. Sempre que, em termos de coeficiente de correlação, utilizamos um coeficiente de determinação de um conjunto de itens com os demais é imperativo que sejam analisados os efeitos gerados nos valores da média, variância e no Alfa de Cronbach (Pestana & Gajreiro, 2008).

### **3.1.2 Análise ao conteúdo das entrevistas e da questão aberta do questionário**

As entrevistas foram realizadas entre o mês de Agosto e Outubro aos conhecedores da temática de sustentabilidade. A entrevista é constituída por 7 questões e no final um espaço aberto a sugestões que pudessem ajudar a investigação. As entrevistas foram realizadas com base nas questões detalhadas no Anexo 2.

O objetivo das entrevistas foi o de perceber a opinião dos versados da temática de Sustentabilidade, sobre o Relatório de sustentabilidade e o seu futuro. Para preservar o anonimato dos entrevistados, são aqui identificados por números.

Passamos a apresentar a análise da transcrição das respostas obtidas para a primeira questão da entrevista:

**Questão 1:** Na sua opinião que entidades deveriam ser responsáveis pela elaboração do Relatório de Sustentabilidade de qualquer organização/empresa?

<b>Entrevistados</b>	<b>Respostas</b>
1	Entidades independentes e tecnicamente preparadas
2	Órgão de gestão
3	A administração
4	Equipa multidisciplinar
5	Administração, direção financeira
6	Todas as entidades
7	Todas as entidades

*Quadro 12 - Análise de Conteúdo - Questão 1*

Fonte: Elaborado pelo mestrando

Como podemos verificar no quadro acima, os entrevistados não respondem coerentemente, uns respondem que é administração e outros que são as empresas. Logo, não podemos considerar estas respostas para a análise que estamos a efetuar.

**Questão 2:** Na sua opinião quais os pontos mais importantes na divulgação de um relatório de sustentabilidade?

<b>Entrevistados</b>	<b>Respostas</b>
1	Mudanças nas organizações?
2	Impactos ambientais
3	Gestão do risco na organização
4	Dificuldades de comparabilidade Definição dos indicadores de sustentabilidade
5	Divulgação, objetivos e Concretização Projetos em curso na organização
6	Criação de indicadores a mlp Divulgação periódica dos resultados
7	Todos os pontos com justificação concreta

*Quadro 13 - Análise de Conteúdo - Questão 2*

Fonte: Elaborado pelo mestrando

O entrevistado 1 destacou as mudanças que a organização tem e espera obter ao nível operacional, o acompanhamento das medidas a implementar pela organização e a importância da opinião dos stakeholders para a estratégia da empresa.

O entrevistado 2 salientou os impactos sociais e ambientais.

O entrevistado 3 abordou a importância da gestão de risco de uma organização, ou seja, a mitigação dos riscos que estas enfrentam bem como aproveitar as oportunidades criadas. Servir como padrão de referência na avaliação do desempenho global da organização e a comparação entre empresas do mesmo sector foram outros pontos importantes referidos pelo entrevistado.

Para o entrevistado 4, um dos aspetos a ter conta antes de responder à pergunta é o facto da maturidade do tema, bem como o seu formato, não ser consensual entre todos e causar dificuldades de comparabilidade. Apesar disso, para o entrevistado, o relacionamento entre os aspetos económicos, ambientais e sociais juntamente com o perfil da empresa e definir quais os indicadores de sustentabilidade que mais afetam a organização são os pontos mais importantes para este.

O entrevistado 5 indicou os pontos relevantes que deveriam ser expostos no relatório de sustentabilidade como a divulgação e concretização, ou não, dos objetivos e os projetos enquadráveis de sustentabilidade que a organização tem.

O entrevistado 6 refere-se à criação de indicadores a médio e longo prazo, referindo a necessidade de os apresentar, em termos de atingimento, trimestralmente.

O entrevistado 7 indicou todos os aspetos que as diretrizes indicam com explicações concretas.

**Questão 3:** Que alterações sugere para que exista uma maior credibilidade e responsabilidade na elaboração e divulgação integral dos relatórios de sustentabilidade?

<b>Entrevistados</b>	<b>Respostas</b>
1	Legislação harmonizadora Desenvolvimento da Sustentabilidade Reporte
2	Harmonização do reporte do RS
3	Necessidade de envolver todos os membros da organização
4	Essencial a credibilidade destes relatórios Obrigatoriedade de verificação destes por entidades externas experientes
5	Regulamentação e normalização do relato
6	RS divulgados no site da organização
7	RS divulgados no site da organização

*Quadro 14 - Análise de Conteúdo - Questão 3*

Fonte: Elaborado pelo mestrando

O entrevistado 1 considera que quem tem o poder legislativo deve criar condições no sentido de promover o desenvolvimento da sustentabilidade bem como o seu reporte.

Para o entrevistado 2 a harmonização do reporte da sustentabilidade é o caminho a seguir para a credibilização dos relatórios de sustentabilidade. Já o entrevistado 3 aponta para o envolvimento de todos os setores da empresa.

O entrevistado 4 lembra que a credibilidade destes relatórios é essencial para merecer a confiança dos stakeholders. A obrigatoriedade de realização e verificação por entidades externas com experiência e competência é um requisito fundamental para o entrevistado.

O entrevistado 5 indica que a regulamentação e a normalização do relato são a resposta para a existência de credibilidade do RS. Já os entrevistados 6 e 7 consideram a colocação e atualização dos relatórios de sustentabilidade no site da organização.

**Questão 4:** Em sua opinião, o setor em que a empresa se integra e a sua dimensão (volume de negócios, nº de empregados, entre outros) das empresas afeta a verificação e validação dos relatórios de sustentabilidade?

Entrevistados	Respostas
1	Concorda com a questão formulada A dimensão não tem importância
2	Setor e dimensão da empresa
3	Setor e dimensão da empresa
4	Discorda Setor e dimensão podem determinar o seu relato
5	Setor e dimensão da empresa
6	Discorda
7	Discorda

*Quadro 15 - Análise de Conteúdo - Questão 4*

Fonte: Elaborado pelo Mestrando

Para o entrevistado 1 o setor é um fator importante, com o objetivo final de comparabilidade entre setores e a dimensão é o que menos influencia.

Os entrevistados 2, 3 e 5 consideram que, tanto o setor, como a dimensão da empresa afeta a verificação dos relatórios de sustentabilidade.

A resposta é negativa para os entrevistados 4, 6 e 7. Para o entrevistado 4, a verificação nunca pode ser afetada por estas variáveis. A dimensão ou setor podem, na opinião deste, afetar a obrigatoriedade do modelo a adota.

**Questão 5:** A rendibilidade (RLP/A) positiva da empresa está, na sua opinião, relacionada com a publicação dos relatórios de sustentabilidade?

Entrevistados	Respostas
1	Concorda
2	Discordam
3	Relação indireta
4	Faz pouco sentido Rendibilidade não é determinante
5	Discordam
6	Relação indireta
7	Concorda

*Quadro 16 - Análise de Conteúdo - Questão 5*

Fonte: Elaborado pelo Mestrando

O entrevistado 1 e 7 a resposta é positiva pois com o relatório de sustentabilidade a eficiência e otimização dos processos, através do reaproveitamento dos fatores produtivos, influenciam diretamente os resultado da organização. Os entrevistados 2 e 5 não concordam, referindo que a rendibilidade não está relacionada com o relato da sustentabilidade. Para os entrevistados 3 e 6 a relação surge de forma indireta

Para o entrevistado 4 a relação neste momento faz pouco sentido pois, na sua opinião, a rendibilidade já não é determinante.

**Questão 6:** O número de participadas estrangeiras, nas empresas portuguesas, encontra-se relacionado com a publicação do relatório de sustentabilidade?

Entrevistados	Respostas
1	Positiva ou negativa
2	Não existe relação
3	Sim
4	Sim Crescente globalização => comunicação e reporte do RS
5	Positiva ou negativa
6	Positiva ou negativa
7	Sim

*Quadro 17 - Análise de Conteúdo - Questão 6*

Fonte: Elaborado pelo Mestrando

Para os entrevistados número 1, 5 e 6 a influência estrangeira pode ser positiva ou negativa dependendo se a organização faz ou não o relatório de sustentabilidade e qual a cultura do país.

Os entrevistados 3, 4 e 7 pensam que sim. O entrevistado 4 relaciona a crescente globalização dos negócios e da economia em geral com a comunicação e reporte da sustentabilidade. Já o entrevistado 2 pensa que não existe qualquer relação.

**Questão 7:** Na sua opinião, os relatórios de sustentabilidade são elaborados pelas empresas num propósito de marketing para os stakeholders ou numa perspetiva de apoio à gestão da empresa?

<b>Entrevistados</b>	<b>Respostas</b>
1	Maior consciencialização quanto ao RS e Marketing
2	Apenas para o marketing
3	Apenas para o marketing
4	Comunicação da organização com os stakeholders Visão global para reforço das estratégias
5	Apenas para o marketing
6	Reporte por obrigação
7	Reporte por obrigação

*Quadro 18 - Análise de Conteúdo - Questão 7*

Fonte: Elaborado pelo Mestrando

Os entrevistados 2, 3 e 5 estão em sintonia ao referirem que a elaboração dos relatórios de sustentabilidade tem um propósito apenas de marketing. Os entrevistados 6 e 7 apontam para o facto das organizações só efetuarem o reporte dado que são obrigadas.

Para o entrevistado 4 existe uma relação entre as duas formas. Segundo este, é um meio de comunicação com os stakeholders dando também uma visão global e sendo uma forma de apoio e reforço das políticas de gestão da organização.

O entrevistado 1 considera que neste momento existe maior consciencialização para o reporte da sustentabilidade apesar de na maior parte das vezes tratar-se de uma questão de marketing.

**Questão final:** Comentários que possam ajudar a equipa de investigação

<b>Entrevistados</b>	<b>Respostas</b>
1	----
2	-----
3	-----
4	Posição da OROC nesta temática e na formação dos auditores
5	-----
6	RS obrigatório e entregue
7	Irresponsabilidade Interligação entre AT, S.Social, CMVM, e outras

*Quadro 19 - Análise de Conteúdo - Questão aberta*

Fonte: Elaborado pelo Mestrando

O entrevistado 4 abordou que seria interessante saber qual a posição da OROC sobre a temática, principalmente em termos de formação dos auditores.

Para o entrevistado 6 o relatório de sustentabilidade deveria ser obrigatório para todas as empresas atendendo à dimensão e setor de cada uma, sendo obrigatória a sua entrega aos organismos competentes.

O entrevistado 7 considera que, neste momento, os relatórios de sustentabilidade não são realizados de forma responsável pois, se assim fosse, os sucessivos escândalos financeiros nos últimos anos não aconteceriam. Terá que haver uma interligação entre autoridade fiscal, segurança social, CMVM, entre outras, de troca de informação para se tornar num cenário ideal.

Dos 19 questionários respondidos apenas o questionário 15 apresenta a sugestão: “ Este relatório deveria ser obrigatório para todas as empresas”.

### **3.2 Análise 1º Domínio – Sustentabilidade e o seu relato**

Iremos apresentar quanto ao domínio mencionado a análise da distribuição das frequências e das estatísticas descritivas que consideramos mais uteis para o estudo pretendido.

		Q 1.1.1	Q 1.1.2	Q 1.2.1	Q 1.2.2	Q 1.2.3	Q 1.3	Q 1.4
N	Válido	19	19	19	19	19	19	18
	Ausente	0	0	0	0	0	0	1
Média		4,2632	3,7895	3,8421	3,7895	3,3684	3,5789	2,7778
Mediana		4,0000	4,0000	4,0000	4,0000	4,0000	4,0000	3,0000
Moda		5,00	4,00	4,00	4,00	4,00	3,00 <sup>a</sup>	2,00
Desvio Padrão		,80568	,85498	,76472	,85498	,89508	1,01739	,80845
Variância		,649	,731	,585	,731	,801	1,035	,654
Assimetria		-,543	-,746	,286	-,746	-1,376	-,062	,451
Erro de assimetria padrão		,524	,524	,524	,524	,524	,524	,536
Curtose		-1,204	,513	-1,142	,513	1,302	-,979	-1,284
Erro de Curtose		1,014	1,014	1,014	1,014	1,014	1,014	1,038
Mínimo		3,00	2,00	3,00	2,00	1,00	2,00	2,00
Máximo		5,00	5,00	5,00	5,00	4,00	5,00	4,00
Percentis	25	4,0000	3,0000	3,0000	3,0000	3,0000	3,0000	2,0000
	50	4,0000	4,0000	4,0000	4,0000	4,0000	4,0000	3,0000
	75	5,0000	4,0000	4,0000	4,0000	4,0000	4,0000	3,2500
a. Há várias modas. O menor valor é mostrado								

**Quadro 20 - Análise descritiva das questões do 1º Domínio**

Iremos apresentar de seguida uma análise resumida, por questão, do 1º domínio, centrando-nos nos valores assinalados a branco no quadro acima uma vez que estes são os que mais se destacam. Analisando os valores obtidos na média verifica-se que os inquiridos para a questão 1.1.1 responderam em concordância com “o desenvolvimento sustentável está diretamente relacionado com a criação de valor para a empresa”. Por outro lado estes mesmos inquiridos para a questão 1.4 manifestam a sua não concordância com “ (...) a sustentabilidade é reconhecida na maioria das empresas a media e longo prazo (...)”. Nas respostas à questão 1.2.3 a média apresenta um valor muito próximo de 3 o que significa que os inquiridos não tem opinião formada sobre “ qual a frequência de questões de ordem ambiental e social que conduzem a implicações financeiras diretas, tais como, o esforço financeiro gerado para a criação de projetos sociais e ambientais. Nas restantes questões a média situa-se muito próximo de 4 o que revela a concordância dos inquiridos.

Concluimos pela análise da média que os valores são satisfatórios, dado que os inquiridos manifestaram a sua opinião, na sua generalidade fora da média 3.

A medida de tendência central, mediana ou percentil 50, apresenta para todas as questões um valor de 4, com exceção da questão 4 cujo valor se situa no 3.

A moda apresenta a categoria da variável com maior frequência, o que se verifica para a maioria das questões, apresentando valores no intervalo de 4 e 5 para as primeiras 5 questões. Na questão 1.3 situa-se no 3 com a menção de que é apresentado o menor valor obtido, na questão 1.4 apresenta o valor de 2 o que revela a não concordância dos inquiridos quanto a essa questão.

Passando a analisar as medidas de dispersão, nomeadamente a variância que é uma medida obtida pela média do quadrado do desvio padrão, o que significa que os valores mais afastados da média tem maior peso. No nosso estudo uma vez que  $N \leq 30$ , o denominador da variância vem dividido por  $n-1$ . Os valores obtidos no desvio padrão demonstram a dispersão dos valores em análise relativamente à media, quanto menor a dispersão menor o desvio padrão e vice-versa, apresentando no nosso caso um desvio padrão corrigido uma vez que o N em análise é de 19. (Pestana & Gageiro, 2005)

A variância apresenta valores situados em 0,585 e o 1,035 para as questões 1.2.1 e 1.3, o que indica um afastamento em relação à média de cada uma destas questões, esta análise será complementada com a do desvio padrão que nos dá a dispersão da amostra sendo que existe maior dispersão nas questões 1.2.1 e 1.3, uma vez que os valores se encontram mais afastados nestas duas questões.

<b>Quocientes</b>	<b>Q 1.1.1</b>	<b>Q 1.1.2</b>	<b>Q 1.2.1</b>	<b>Q 1.2.2</b>	<b>Q 1.2.3</b>	<b>Q 1.3</b>	<b>Q 1.4</b>
Ass/ Erro ass	1,036	1,425	,546	1,425	2,627	,118	,842
Curt/ Erro Curt	1,187	0,506	1,126	0,506	1,284	0,965	1,237

*Quadro 21 - Quocientes de assimetria e de curtose*

Passando para a análise da assimetria da amostra, ela pode apresentar-se simétrica ou não enviesada sempre que as medidas de localização (média, mediana e moda) apresentam o mesmo valor. No 1º domínio nas questões referidas, cinco apresentam valores de assimetria negativos que variam entre -0,062 (questão 1.3) e -1,376 (questão 1.2.3). Apresentando as questões 1.2.1 e 1.4 valores positivos. Pelos valores calculados do quociente de assimetria

verificamos que a distribuição é assimétrica positiva ou enviesada à esquerda para um nível de significância ( $p = 0,05$ ).

Analisando o achatamento, também designado por Curtose, podemos aferir sobre a intensidade das frequências em torno do ponto central. Uma vez que os valores de curtose apresentados para as questões são menores que 1,96 em valor absoluto para um nível de significância de ( $p = 0,05$ ) o que nos leva a concluir que a distribuição apresentará um maior achatamento do que é normal (platicúrtica), consultar apêndice.

Segundo Murteira, citado por (Pestana & Gajero, 2008) (p. 81), os coeficientes de dispersão e variação são utilizados sempre que a variável apresenta valores do mesmo sinal, no nosso caso todos os valores se apresentaram positivos pelo que efetuamos o cálculo de coeficiente de variação apresentado no quadro abaixo.

Coef. de variação	Q 1.1.1	Q 1.1.2	Q 1.2.1	Q 1.2.2	Q 1.2.3	Q 1.3	Q 1.4
	19%	23%	20%	23%	27%	28%	29%

*Quadro 22 - Coeficiente de variação*

Uma vez que os valores se apresentam no intervalo entre 15% a 30%, a dispersão é normal, conforme verificamos anteriormente.

Em suma, os resultados obtidos para este primeiro domínio de análise (valores médios das questões acima analisadas) apresentam-se normais para as medidas de localização e tendência central (3,6378; 3,7143; 3,71), uma vez que a maioria dos inquiridos responderam perto de 4 “concordo”, o que demonstra que os valores não se situaram perto de 3 “não concordo nem discordo”, o que se iria traduzir em termos de análise numa indeterminação quanto às questões do 1º domínio.

Descrição		Valores
Nº	Válido	19
	Ausente	0
Média		3,6378
Mediana		3,7143
Moda		3,71
Desvio Padrão		,49516
Variância		,245
Coeficiente de variação		14%
Assimetria		-,630
Erro de Assimetria Padrão		,524
Quociente de assimetria		1,202
Curtose		,589
Erro de Curtose		1,014
Quociente de curtose		0,580

*Quadro 23 - Análise 1º Domínio - Sustentabilidade e o seu Relato*

Quanto às medidas de dispersão, os valores do desvio padrão e da variância presentes no quadro acima permitem aferir sobre a fraca dispersão dos dados. No que concerne à simetria, ao achatamento e ao coeficiente de variação, verificamos que os valores obtidos pelo dados analisados da média das questões apenas o coeficiente de variação difere, apresentando um valor de 14% significando este valor que a dispersão para a média das 7 questões deste domínio é fraca.

### **3.3 Análise 2º Domínio – O Relatório de Sustentabilidade**

Iremos apresentar quanto ao domínio mencionado a análise da distribuição das frequências e das estatísticas descritivas que consideramos mais úteis para o estudo pretendido.

		Q 2.1	Q 2.2	Q 2.3	Q 2.4	Q 2.5.1	Q 2.5.2	Q 2.5.3	Q 2.5.4	Q 2.6	Q 2.7
Nº	Válido	19	19	19	19	19	19	19	19	17	19
	Ausente	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0
Média		3,526 3	3,684 2	3,4211	3,368 4	3,736 8	4,210 5	3,736 8	3,4211	3,9412	3,0000
Mediana		4,000 0	4,000 0	3,0000	3,000 0	4,000 0	4,000 0	4,000 0	3,0000	4,0000	3,0000
Moda		4,00	4,00	3,00	3,00	3,00 <sup>a</sup>	4,00	3,00	3,00 <sup>a</sup>	4,00 <sup>a</sup>	3,00 <sup>a</sup>
Desvio Padrão		,8411 9	,8852 3	1,1698 0	,9551 3	,8719 1	,7132 8	,9334 6	1,0173 9	1,0289 9	1,1055 4
Variância		,708	,784	1,368	,912	,760	,509	,871	1,035	1,059	1,222
Coeficiente de variação		24%	24%	34%	28%	23%	17%	25%	30%	26%	37%
Assimetria		-,092	-,362	-,253	,420	,014	-,336	,132	,062	-,651	-,276
Erro de assimetria padrão		,524	,524	,524	,524	,524	,524	,524	,524	,550	,524
Quociente de assimetria		,175	,690	,484	,803	,027	,641	,252	,118	1,183	,526
Curtose		-,283	-,253	-,581	-,535	-,702	-,821	- 1,098	-,979	-,546	-,560
Erro de Curtose padrão		1,014	1,014	1,014	1,014	1,014	1,014	1,014	1,014	1,063	1,014
Quociente de Curtose		- 0,279	- 0,250	-0,573	- 0,528	- 0,692	- 0,810	- 1,083	-0,965	-0,514	-0,552
Mínimo		2,00	2,00	1,00	2,00	2,00	3,00	2,00	2,00	2,00	1,00
Máximo		5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Perce ntis	25	3,000 0	3,000 0	3,0000	3,000 0	3,000 0	4,000 0	3,000 0	3,0000	3,0000	2,0000
	50	4,000 0	4,000 0	3,0000	3,000 0	4,000 0	4,000 0	4,000 0	3,0000	4,0000	3,0000
	75	4,000 0	4,000 0	4,0000	4,000 0	4,000 0	5,000 0	5,000 0	4,0000	5,0000	4,0000
a. Há várias modas. O menor valor é mostrado											

### *Quadro 24 - Análise descritiva das questões do 2º Domínio*

De seguida, vamos apresentar uma análise resumida, por questão, do 2º domínio, centrando-nos nos valores assinalados a branco no quadro acima uma vez que estes são os que mais se destacam. Analisando os valores obtidos na média verifica-se que os inquiridos para a

questão 2.7 responderam em que não discordam nem concordam se os “(...) relatórios de sustentabilidade são peças de pouca importância para a estratégia da organização (...)” e para a questão 2.4 o sentimento foi praticamente o mesmo. No lado oposto, os mesmos inquiridos para a questão 2.5.2 manifestam a sua concordância que antes de elaborar o relatório de sustentabilidade, a organização deve compreender os impactos das suas atividades a nível ambiental e social. Nas restantes questões a média situa-se entre os valores 3.4 e 3.9 o que revela a concordância dos inquiridos.

Concluimos pela análise da média que os valores são satisfatórios, dado que os inquiridos manifestaram a sua opinião, na sua maioria, fora do ponto 3 da escala de likert utilizada dos questionário, expeto numa questão (referida anteriormente).

A mediana (percentil de 50) apresenta valores de 3 para as questões 2.3, 2.4, 2.5.4 e 2.7 e o valor de 4 para as restantes, o que vai de encontro aos resultados obtidos quanto à média.

Na análise da moda verificamos que nenhuma resposta se situa nos valores “discordo totalmente” e “não concordo”. No entanto, existe um número elevado de questões (7) em que os inquiridos responderam “nem concordo nem discordo”, o que significa a sua indecisão, revelando-se este aspeto negativo nesta análise. Nas questões 2.1, 2.2, 2.5.2 e 2.6 verificam o valor 4 de concordância com questões apresentadas.

A variância apresenta valores situados em 0,708 e 1.368 relativos às questões 2.1 e 2.3, o que indica um afastamento em relação à média de cada uma destas questões, esta análise será complementada com a do desvio padrão que nos dá dispersão da amostra sendo que existe maior dispersão nas questões 2.1 e 2.3, uma vez que os valores se encontram mais afastados.

No domínio “ O Relatório de Sustentabilidade”, da análise à assimetria da amostra, 6 das 10 questões apresentadas têm valores negativos situados no intervalo -0,651 (questão 2.6) e -0,062 (questão 2.5.4). As restantes questões, apresentam valores positivos com especial atenção para a questão 2.4 que apresenta um valor positivo de 0.42. Pelos valores calculados do quociente de assimetria verificamos que a distribuição é assimétrica positiva ou enviesada à esquerda, para um nível de significância ( $p = 0,05$ ).

Verificando o achatamento, avaliamos que os valores calculados de Curtose são menores que 1,96 em valor absoluto para um nível de significância de ( $p = 0,05$ ) o que nos leva a concluir que a distribuição apresenta um menor achatamento do que é normal (leptocúrtica).

Na análise ao coeficiente de variação verificámos que a maioria se situa entre 15% a 30% o que significa a existência de uma dispersão normal, exceto em 2 questões (2.3 e 2.7) que apresentam valores acima dos 30%, o que demonstra uma dispersão elevada, ver apêndice.

Concluimos então que os resultados obtidos no segundo domínio dos valores médios das questões analisadas, apresentam valores acima de 3,5, ou seja, mais próximos do valor 4 da escala utilizada dos questionários. (Média = 3,6243; Mediana = 3,6667; Moda = 3,67) Verificando-se que na maioria dos inquiridos neste 2º domínio não existe elevada indeterminação.

N	Válido	19
	Ausente	0
Média		3,6243
Mediana		3,6667
Moda		3,67
Desvio Padrão		,58408
Variância		,341
Coeficiente de variação		16%
Assimetria		-,246
Erro de assimetria padrão		,524
Quociente de assimetria		-,470
Curtose		,098
Erro de Curtose padrão		1,014
Quociente de curtose		0,096

***Quadro 25 - Análise 2º Domínio - O Relatório de Sustentabilidade***

No quadro acima podemos verificar que os valores do desvio padrão e da variância possibilitam verificar a fraca dispersão dos dados. No que concerne à simetria, ao achatamento e ao coeficiente de variação, observamos que os valores obtidos pelos dados analisados da média das questões vão de encontro ao que esperávamos, uma vez que o coeficiente de variação apresenta o valor de 16% o que revela uma dispersão média para estas 10 questões.

### 3.4 Análise 3º Domínio – O Auditor e a sua visão

Iremos apresentar quanto ao domínio mencionado a análise da distribuição das frequências e das estatísticas descritivas que consideramos mais úteis para o estudo pretendido

		Q 3.1	Q 3.2	Q 3.3	Q 3.4	Q 3.5
Nº	Válido	19	19	19	19	19
	Ausente	0	0	0	0	0
Média		2,6316	3,1053	3,6316	3,4211	3,6842
Mediana		3,0000	3,0000	4,0000	3,0000	4,0000
Moda		3,00	3,00	4,00	3,00	4,00
Desvio Padrão		,89508	1,04853	1,01163	1,16980	1,05686
Variância		,801	1,099	1,023	1,368	1,117
Coeficiente de variação		34%	34%	28%	34%	29%
Assimetria		-,183	-,553	-,941	-,253	-,860
Erro de assimetria padrão		,524	,524	,524	,524	,524
Quociente de assimetria		,349	1,056	1,797	,484	1,642
Curtose		-,454	,215	1,357	-,581	,976
Erro de Curtose padrão		1,014	1,014	1,014	1,014	1,014
Quociente de Curtose		-0,448	0,212	1,337	-0,573	0,962
Mínimo		1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
Máximo		4,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Percentis	25	2,00	3,00	3,00	3,00	3,00
	50	3,00	3,00	4,00	3,00	4,00
	75	3,00	4,00	4,00	4,00	4,00

*Quadro 26 - Análise descritiva das questões do 3º Domínio*

Com base nos valores apresentados no quadro acima, iremos proceder à análise por questão do terceiro domínio. Analisando os valores obtidos na média observamos que a questão 3.1, “existe formação suficiente na área de sustentabilidade para os auditores (...)”, apresenta valores inferiores à média (2,6316), o que significa que os inquiridos “não concordam”. A última questão, “os órgãos executivos deviam ter um papel mais ativo na construção dos relatórios de sustentabilidade” têm valores acima de 3,5 (3,6842), o valor mais próximo de 4 “Concordo”. As restantes questões apresentam valores muito próximos de 3, o que demonstra a indeterminação dos inquiridos.

Analisando a moda observamos que, nas respostas nas questões 3.1, 3.2 e 3.4, apontam para o valor 3, de indefinição. No entanto, para as restantes questões (3.3 e 3.5) verifica-se o valor 4 “Concordo”.

Observando a variância, verificamos que o menor valor se encontra na questão 3.1 (0,801) e o maior na questão 3.4 (1,368), o que denota um afastamento em relação à média de cada uma das questões. Na análise efetuada aos valores do desvio padrão existe, maior dispersão nas questões 3.1 e 3.4 dado que os valores se encontram mais afastados.

No terceiro domínio, na análise da assimetria da amostra, todas as questões apresentadas têm valores negativos entre -0,941 (questão 3.3) e -0,183 (questão 3.1). A partir dos valores calculados do quociente de assimetria verificamos que a distribuição é assimétrica positiva ou enviesada à esquerda para um nível de significância ( $p = 0,05$ ).

Analisando a Curtose, observamos que os valores são menores que 1,96 em valor absoluto para um nível de significância de ( $p = 0,05$ ) o que nos leva a concluir que a distribuição apresentará um maior achatamento do que é normal (platicúrtica).

Na análise ao coeficiente de variação das questões 3.1, 3.2 e 3.4, este apresenta valores acima dos 30%, mais precisamente 34%, o que demonstra uma dispersão elevada. No entanto, nas questões 3.3 e 3.5 apresentam valores de 28% e 29% respetivamente, o que indica uma dispersão média para estas questões, ver apêndice.

De seguida, analisamos os valores apresentados no quadro seguinte, quanto ao domínio “Os Auditores e a sua visão” apresentam valores mais próximos de 3 “Não concordo nem discordo”, apresentando a moda de 3.

Podemos verificar no quadro abaixo que os valores do desvio padrão e da variância permitem aferir a fraca dispersão dos dados, em termos médios. No que concerne à simetria, ao achatamento e ao coeficiente de variação, verificamos, que os valores obtidos pelos dados analisados da média das questões vão de encontro ao esperado, apresentando o coeficiente de variação de 25%, que revela uma dispersão média.

Nº	Válido	19
	Ausente	0
Média		3,2947
Mediana		3,4000
Moda		3,60
Desvio Padrão		,81478
Variância		,664
Coeficiente de variação		25%
Assimetria		-1,204
Erro de assimetria padrão		,524
Quociente de assimetria		2,300
Curtose		2,607
Erro de Curtose padrão		1,014
Quociente de Curtose		2,570

*Quadro 27 - Análise 3º Domínio - O Auditor e a sua visão*

### **3.5 Análise das correlações de Spearman e de Pearson**

De seguida, iremos analisar a correlação existente dos dados analisados, dado que para um número de questões (22) do questionário a análise seria demasiado extensa e não nos daria a informação que pretendemos.

Nesta análise de correlação iremos aferir quanto aos valores de Ró de Spearman que mede a intensidade da relação entre as variáveis ordinais, variando entre -1 e 1, quanto ao valor de R de Pearson (medida de associação linear) sendo que este é um coeficiente de correlação parcial que varia entre -1 e 1.

		Sustentabilidade e o seu relato	O relatório de sustentabilidade	Auditor e a sua visão
Sustentabilidade e o seu relato	Correlação de Pearson	1	,329	,083
	Sig. (2 extremidades)		,168	,737
	N	19	19	19
O relatório de sustentabilidade	Correlação de Pearson	,329	1	,426
	Sig. (2 extremidades)	,168		,069
	N	19	19	19
Auditor e a sua visão	Correlação de Pearson	,083	,426	1
	Sig. (2 extremidades)	,737	,069	
	N	19	19	19

*Quadro 28 - Correlação de Pearson dos 3 domínios*

Começando pela correlação de Pearson podemos aferir que nenhum dos 3 coeficientes se situa perto de 1 o que significa que havendo uma correlação entre as variáveis, esta não é perfeita positiva. Quanto menor o valor deste coeficiente a relação linear entre as variáveis é diminuta. Pelos valores assinalados no quadro acima verificamos que existe uma correlação entre as 3 variáveis destacando-se a correlação entre a variável do 2º domínio - “O relatório de sustentabilidade” e a variável do 1º domínio - “Sustentabilidade e o seu relato”.

A correlação existente entre a variável do 1º domínio - “Sustentabilidade e o seu relato” e a variável do 3º domínio – “Auditor e a sua visão” apresenta um valor de 0.083, muito próximo de zero o que revela uma relação linear muito fraca.

			Sustentabilidade e o seu relato	O relatório de sustentabilidade	Auditor e a sua visão
Ró de Spearman	Sustentabilidade e o seu relato	Coeficiente de Correlação	1,000	,317	,232
		Sig. (2 extremidades)		,186	,340
		N	19	19	19
	O relatório de sustentabilidade	Coeficiente de Correlação	,317	1,000	,446
		Sig. (2 extremidades)	,186		,056
		N	19	19	19
	Auditor e a sua visão	Coeficiente de Correlação	,232	,446	1,000
		Sig. (2 extremidades)	,340	,056	
		N	19	19	19

*Quadro 29 - Coeficiente de ró de Spearman*

Analisando os resultados do coeficiente do ró de Spearman, verificámos que os valores se apresentam positivos o que significa que as variáveis dos 3 domínios em análise apresentam uma correlação no mesmo sentido. Apresentando estes valores positivos, situados entre 0.232, 0.317 e 0.446, distantes do valor máximo (1) que seria o ideal, no entanto, a correlação existente entre a variável do 2º domínio – “O relatório de sustentabilidade” e a variável do 3º domínio – “Auditor e a sua visão” é significativa, no sentido de que estas variáveis apresentam uma relação direta. O mesmo acontece com a correlação entre as variáveis do segundo e primeiro domínios. A menor correlação de 0.232 ocorre entre as variáveis dos domínios primeiro e terceiro.

## **Capítulo IV – Conclusão**



#### **4.1 Limitações do estudo**

As limitações ao longo deste estudo centraram-se em 3 pontos essenciais:

- O reduzido número de respostas aos questionários apesar da solicitação nomeadamente a Ordem dos Revisores Oficiais de Contas em que não obtivemos qualquer resposta ao questionário.
- O reduzido número de entrevistas efetuadas apesar de serem solicitadas a mais profissionais da área da auditoria.
- O pouco interesse sobre a temática ou a falta de compreensão ou importância do mesmo foi um entrave contínuo a elaboração deste estudo.

#### **4.2 Sugestão para investigação futura**

Para uma futura investigação sobre a temática, sugere-se um estudo por um período entre 3 a 5 anos dos relatórios de sustentabilidade e/ou a evolução na temática de sustentabilidade das empresas com cariz económico importante em Portugal em comparação com a evolução do trabalho realizado pelas organizações a nível internacional sobre a temática.

Este estudo teria como objetivos principais:

- Tornar o relatório de sustentabilidade numa peça obrigatória anualmente, para as organizações de maior valor económico em Portugal.
- A implementação de uma cultura de sustentabilidade nas organizações através de formações específicas sobre sustentabilidade e a criação de valor que daí podem advir.
- A verificação externa aos relatórios de sustentabilidade passar a ser obrigatória assegurando a sua fiabilidade e credibilidade bem como a informação prestada ser rigorosa e relevante.

#### **4.3 Conclusões**

Apresentamos neste capítulo as conclusões por hipóteses, utilizando a técnica de triangulação de dados, em que analisamos o estado da arte, a análise aos relatórios de sustentabilidade das dezasseis empresas do PSI20, com as conclusões retiradas da análise descritiva cruzadas com as respostas das entrevistas.

Relativamente ao 1º domínio, designado por “Sustentabilidade e o seu Relato”:

**Hipótese 1:** Verificar se as empresas da amostra, membros do BCSD Portugal, do PSI20 elaboram o relato da sustentabilidade de acordo com as guidelines da Global Reporting Initiative (G3 e G4)

A World Commission on Environment and Development define a sustentabilidade desta forma:

“Satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades”

A GRI apresenta-se como uma entidade de referência na abordagem do tema do relato de sustentabilidade, promovendo o uso de relatórios de sustentabilidade como meio das organizações se tornarem mais sustentáveis.

A missão global da Global Reporting Initiative é a de alcançar uma transparência, exigência e harmonização no reporte da sustentabilidade, oferecendo uma estrutura credível para a elaboração dos relatórios de sustentabilidade, que possa ser utilizada pelas várias organizações independentemente da sua dimensão, setor ou localização.

Para a elaboração de um relatório segundo a GRI, a organização deve autodeclarar o seu relatório segundo as suas orientações em “Níveis de Aplicação”. O sistema contém três níveis, nível C (Iniciante), B (Intermédio) e A (Experiente). Importa também referir que se a empresa optar por verificação externa (Processos externos de auditoria) pode também autodeclarar sinal mais (+), como por exemplo, C+; B+; A+.

Sustentabilidade pode ser entendida como uma prática que as empresas utilizam para melhorar a qualidade ambiental, social e económica. Os princípios da sustentabilidade exigem a harmonização e integração dos interesses económicos, ambientais, sociais e as necessidades das gerações futuras. A implementação destes princípios terá que ser equilibrada e compatível, sendo o resultado a total integração e satisfação de todas as necessidades (Pojasek, 2008)

Pela análise estatística efetuada ao domínio sustentabilidade e o seu relato, concluímos que os resultados obtidos apresentam-se normais para as medidas de localização e tendência central, uma vez que a maioria dos inquiridos responderam perto de 4 “concordo”.

No que concerne à dispersão verificamos uma fraca dispersão dos dados, o mesmo se verificou às medidas de simetria, ao achatamento e ao coeficiente de variação pelo que

concluimos que dos dados analisados a simetria é positiva enviesada à direita e o achatamento é ligeiramente superior ao normal. (Mapas extraídos do SPSS EM Apêndice)

Pelo cruzamento da informação sobre as informações retiradas dos relatórios de sustentabilidade das dezasseis empresas com as respostas, todas as empresas elaboram os seus relatórios segundo as diretrizes da GRI e apenas uma (Banif) não é auditada externamente, concluimos pela verificação da hipótese 1 e das suas sub-hipóteses.

Relativamente ao 2º domínio, designado por “O relatório de Sustentabilidade”:

**Hipótese 2:** Aferir sobre a forma como o relato da sustentabilidade é efetuado nas empresas objeto deste estudo

Para atestar a verdadeiro valor do relatório de sustentabilidade, este tem que estar em conformidade com os princípios de relatórios da GRI acima referidos pois, assim, irá oferecer aos stakeholders uma imagem fiel da organização para a sua tomada de decisão (GRI, 2012).

O papel dos relatórios de sustentabilidade é o de criar a interligação entre os diferentes impactos, pois todos eles são cruciais. O RS precisa de cada vez mais ser uma prática corrente entre as organizações, pois só assim haverá crescimento sustentável e os stakeholders estarão melhor informados para tomar as decisões mais acertadas. Com o RS a ser cada mais elaborado pelas empresas, isso fará com que se possa fazer uma análise de tendências para melhorar a qualidade do relatório (Ligteringen, 2013).

Concluimos, da análise estatística efetuada, que os resultados obtidos, apresentam valores acima de 3.5, ou seja, mais próximos do valor 4 da escala utilizada dos questionários. Verificando-se que para maioria dos inquiridos não existe elevada indeterminação.

Pela análise das medidas de dispersão concluimos pela fraca dispersão dos dados. No que concerne à simetria, ao achatamento e ao coeficiente de variação, concluimos que os valores obtidos vão de encontro ao que esperávamos, uma vez que o coeficiente de variação apresenta o valor de 16% o que revela uma dispersão média deste domínio.

Pelo cruzamento da informação apresentada abaixo sobre as informações retiradas dos relatórios de sustentabilidade das dezasseis empresas em que a informação apresentada tem um cuidado especial na divulgação dos impactos mais significativos da sua atividade ao

nível ambiental, social e económico, com as respostas às questões das entrevistas, dois, três, quatro e seis concluímos pela verificação da hipótese 2 e das suas sub-hipóteses.

Relativamente ao 3º domínio, designado por “Auditor e a sua Visão”:

**Hipótese 3:** Aferir quanto ao papel dos auditores na temática da sustentabilidade e o seu contributo.

Ao longo dos últimos 20 anos tem havido uma multiplicação de métodos e indicadores para medir o desenvolvimento sustentável. Muitos países e organizações adotaram conjuntos de indicadores de forma a progredir pois consideram que estes traziam mais-valias a longo prazo. No entanto, as diferenças existentes continuam a prejudicar o desenvolvimento sustentável e como o quantificar. Em 2009 na Conference of European Statisticians, foi definido criar uma equipa com a Comissão Europeia das Nações Unidas para a Europa, a Eurostat e a OCDE, para desenvolver recomendações com o objetivo de harmonizar as diferentes formas em que o reporte da sustentabilidade está a evoluir. Neste estudo, são sugeridas recomendações no sentido de harmonizar as diferentes abordagens e indicadores já utilizados pelas organizações internacionais para medir e comparar o desenvolvimento sustentável (United Nations Economic Commission for Europe , 2014).

Bill George para evitar crises futuras, defende que os novos gestores terão de parar com o estigma de apresentação de resultados a curto prazo. Devem ser capazes, de realizar esforços de longo prazo para criar valor sustentável pondo de parte os resultados de curto prazo (Rego, Cunha, & Ribeiro, 2013).

Quanto ao domínio “ Os Auditores e a sua visão”, os valores analisados estatisticamente apresentam-se mais próximos de 3 “Não concordo nem discordo”, o que nos permite concluir que quanto às questões apresentadas aos Auditores desta temática, grande parte dos inquiridos mostra indecisão na auditoria aos relatórios de sustentabilidade. O que se reflete na análise da simetria, achatamento e coeficiente de variação, que apresentam valores que revelam uma simetria normal, um achatamento elevado e encontrando-se a dispersão média. (Mapas extraídos do SPSS em apêndice)

Pelo cruzamento da informação sobre as informações retiradas dos relatórios de sustentabilidade das dezasseis empresas em que a maioria das organizações do da amostra do nosso estudo admitem na divulgação aos stakeholders nos seus relatórios da importância da sustentabilidade, com as respostas às questões das entrevistas, um, cinco, sete e pelas

sugestões dos entrevistados, concluímos pela verificação da hipótese 3 e das suas sub-hipóteses, apresentando reservas dado que nas questões relativas à formação dos profissionais na área de sustentabilidade e ao papel ativo dos órgãos executivos na construção dos relatórios de sustentabilidade, as respostas analisadas estatisticamente concentram-se na indecisão dos auditores.

Depois da análise realizada às empresas deste estudo verificamos que existe uma diferença significativa na informação apresentada, no que diz respeito ao reporte da sustentabilidade, das empresas que elaboram o relatório de sustentabilidade (todas elas segundo as diretrizes da GRI) e as que não o fazem.

A informação relatada no reporte da sustentabilidade segundo as diretrizes da GRI é claramente superior pois abrangem todas as áreas da organização, segundo os protocolos dos indicadores da GRI, enquanto as restantes cingem-se essencialmente pela responsabilidade social (apoios a causas sociais e práticas laborais) de forma não organizada.

Observamos também, que das empresas que realizam o relatório de sustentabilidade apenas duas (Banif e a Mota Engil) não são verificadas por uma entidade externa independente. No entanto, o Banif, estando na amostra do nosso estudo, apresenta o seu relatório de acordo com as novas diretrizes da GRI G4.

Importa também realçar que todas as empresas que relatam a sustentabilidade têm especial atenção aos impactos mais significativos que a sua atividade apresenta, dando maior relevo na sua análise a esses pontos. Por exemplo, os CTT têm especial atenção no seu relatório aos impactos ambientais da sua atividade (emissões de CO<sub>2</sub> da sua frota e consumos de papel e restantes consumíveis). Na área da banca, O BCP, tem particular atenção aos impactos da sua imagem (referindo muitas vezes o aspeto da reputação), das suas atividades e a forma como comunica a sustentabilidade aos stakeholders.

Em conclusão parece-nos importante deixar esta reflexão:

*A GRI entende que a harmonização é uma meta e um desafio. Com a elaboração da G4 Diretrizes, os vínculos entre a GRI, as NU, e o IIRC, poderá no futuro existir um aumento do uso e comparação de informação de sustentabilidade e o seu reporte (EY, 2014).*

## Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (2000). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação - Uma Introdução à Teoria e aos Métodos* (Coleção Ciências da Educação ed.). Porto: Porto Editora.
- Bryman, A., & Cramer, D. (1999). *Quantitative data analysis with SPSS release 8 for Windows. A guide for social scientists*. London: Routledge.
- Combined European Bureau for Social Development. (2009). *Training and Learning for Community Development*. Bruxelas: CEBSD.
- Cronbach, L. (1951). *Coefficient alpha and the internat strcture of tests* (Vol. 19). London: Psychometrika.
- Eugénio, T., & Gomes, S. (Abril, Junho de 2013). *Verificação dos Relatórios de Sustentabilidade - Um desafio para os Revisores Oficiais de Contas*. IISBOA: OTOC.
- EY. (2014). *Como contribuem as empresas para o crescimento verde?* Lisboa: EY.
- EY. (2014). *Sustainability reporting - the time is now*. Londres: EY.
- Eyceoz, Z. O. (2009). *Employee Involvement in the Implementation of a Sustainability Strategy*. Cambridge: Harvard University.
- Field, A. (2005). *Discovering Statistics Using SPSS* (Second Edition ed.). London: SAGE Publications Ltd.
- Flynn, M. (5 de Setembro de 2012). The four stages of engaging employees on sustainability. New York, EUA.
- GRI. (2006). *Diretrizes para a Elaboração do Relatório de Sustentabilidade*. Amsterdam.
- GRI. (2012). *Relatório de Sustentabilidade da GRI: Quanto vale esta jornada?* Amsterdam: GRI.
- GRI. (2013). *Princípios para o Relato e Conteúdos Padrão*. Amesterdão: GRI.
- GRI; IFC, International Finacial Corporation. (2009). *Incluindo a Questão do Gênero nos Relatórios de Sustentabilidade. Um guia para profissionais*.
- Hill, M., & A., H. (2005). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- KPMG. (2011). *Riscos e Oportunidades do Desenvolvimento Sustentável - Evolução 2008 - 2010*. Portugal: KPMG.
- KPMG. (2013). *CARROTS AND STICKS - 3ª Edição*. Suíça: KPMG.
- KPMG. (2013). *Diretrizes G4 da GRI: Quais os seus efeitos nos relatórios corporativos de sustentabilidade?* KPMG.

- KPMG. (2013). *GRI's G4 Guidelines: the impact on reporting*. KPM.
- KPMG. (2013). *The KPMG Survey of Corporate Responsibility Reporting 2013*. Suíça: KPMG.
- Kuhn, T. (1972). *The Structure of Scientific Revolutions* (2nd. Edition ed.). Chicago: Chicago University Press.
- Ligteringen, E. (11 de Abril de 2013). EXECUTIVE PERSPECTIVE: Global Reporting Initiative's Chief Executive Ernst Ligteringen. (www.thomsonreuters.com, Ed.) Amesterdão, Holanda.
- Lopes, P. (2012). *O Relato de Sustentabilidade: o caso das empresas cotadas na Bolsa de Valores de Lisboa – Análise comparativa entre o ano 2005 e o ano 2008* (Vol. Tese de Mestrado). Universidade de Évora.
- Mertens, D. M. (1998). *Research Methods in Education and Psychology: Integrating Diversity with Quantitative & Qualitative Approaches*. London: SAGE Publications.
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2005). *Descobrimo a Regressão com a complementariedade do SPSS*. Lisboa: Silabo Lda.
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2008). *Análise de dados para ciencias sociais - A complementariedade do SPSS* (5ª Edição ed.). Lisboa: Edições Silabo Lda.
- Pojasek, R. B. (2008). *The Five Basics of Sustainability*. Cambridge: Harvard.
- Popova, I. (7 de Maio de 2013). Employee Engagement Drives Sustainability Strategy. Denver, EUA.
- PWC. (2012). *As novas diretrizes da Global Reporting Initiative: G4 - O futuro do reporte de sustentabilidade*. Lisboa: PWC.
- PWC. (2013). *As novas diretrizes da Global Reporting Initiative: G4*. PWC.
- Rego, A., Cunha, M., & Ribeiro, M. (2013). *Liderança para a Sustentabilidade - A voz de quem lidera em Portugal*. Coimbra: Conjuntura Actual Editora - Grupo Almedina.
- Sampieri, R., Collado, C., & Lucio, P. (2006). *Metodologia de Pesquisa*. S. Paulo: MacGrawHill.
- SASB, & IIRC. (2014 de Janeiro de 2014). SASB and IIRC Announce Memorandum of Understanding. EUA.
- United Nations Economic Commission for Europe . (2014). *Conference of European Statisticians Recommendations on Measuring Sustainable Development Conference*. New York and Geneva: United Nations.
- World Commission on Environment, D. (1987). *Our common Future*. Oxford: Oxford University Press.
- Yin, R. (2001). *Estudo de Caso: planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi* (2ª Edição ed.). (D. Grassi, Trad.) Porto Alegre: Bookman.



## **Anexos**

## QUESTIONÁRIO – ANEXO 1

Este estudo realiza-se no âmbito do Mestrado em Auditoria do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto subordinado ao tema da **Sustentabilidade e a Elaboração dos Relatórios de Sustentabilidade baseado na realidade das empresas Portuguesas.**

**Este questionário é confidencial.**

**Instrução:** Assinale com uma cruz, em cada opção, o número que corresponde ao seu grau de acordo ou desacordo com a afirmação. A sua resposta pode ir de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

**1. Sustentabilidade (Genérico)**

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

1.1. O desenvolvimento sustentável está diretamente relacionada com:

1.1.1. a criação de valor para a empresa


1.1.2. a redução da exposição ao risco

1.2. Qual a frequência de questões de ordem ambiental e social que conduzem a implicações financeiras diretas, tais como:

1.2.1. maior aproveitamento dos recursos disponíveis da empresa


1.2.2. redução de custos fixos versus ambiente (ex.: maior número de documentos em formato digital em contrapartida de menos custo em consumíveis)

1.2.3. Esforço financeiro gerado para a criação de projetos sociais e ambientais


1.3. Em Portugal é possível, atualmente, que a sustentabilidade faça parte da estratégia da organização.

1.4. Pode-se dizer que a sustentabilidade é reconhecida na maioria das empresas ser valiosa a medio e longo prazo mas a dificuldade de quantificar o valor da sustentabilidade para o negócio é o maior entrave para o seu sucesso

**2. Relatório de Sustentabilidade (RS):**

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

2.1. Contribui para a deteção de riscos e a antecipação de oportunidades na organização


2.2. Contribui para o reforço da confiança dos stakeholders na organização

2.3. Deveria passar a ser obrigatório e regulado nas empresas com volume de negócios ano superior a 500.000€, tendo em conta que podia melhorar a sua credibilidade e fiabilidade

--	--	--	--	--

2.4. Deveriam ser certificados por entidades externas e, portanto, deve ser incluso no relatório e contas da organização (relato integrado)

2.5. Quais os aspetos mais relevantes que a organização deve ter em consideração antes de elaborar o relatório de sustentabilidade:

2.5.1. Mudança da visão estratégica da organização de médio e longo prazo


2.5.2. Compreender os impactos sociais e ambientais das suas actividades

2.5.3. Efetuar um diálogo com os stakeholders sobre a estratégia de sustentabilidade

2.5.4. Benefícios económicos que poderão advir da elaboração do relatório de sustentabilidade

2.6. A normalização das normas e a homogeneização da linguagem utilizada nos relatórios de sustentabilidade traria maior confiança e fiabilidade

2.7. Em Portugal, os relatórios de sustentabilidade são peças de pouca importância para a estratégia da organização, pois não refletem os verdadeiros riscos e oportunidades que estas enfrentam

--	--	--	--	--

**Auditoria versus RS**

**3. A verificação dos relatórios de sustentabilidade** deve ser efetuada por um revisor oficial de contas e não por outras entidades ou organismos

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

3.1. Existe formação suficiente na área de sustentabilidade para os auditores realizarem o seu trabalho de forma eficaz e eficiente

--	--	--	--	--

3.2. Pode o auditor/revisor reunir conhecimentos para apoiar as empresas na preparação e desenvolvimento de sistemas de recolha de informação e relato de aspetos relacionados com a sustentabilidade

--	--	--	--	--

3.3. O auditor/revisor deve promover a sustentabilidade como meio para descobrir fraudes, erros ou falhas como, por exemplo, a crise dos mercados em 2008 (crise onde a transparência, a qualidade de informação e o comportamento dos gestores face ao risco deixou muito a desejar)

--	--	--	--	--

3.4. Para o auditor/revisor os relatórios de sustentabilidade são importantes no futuro das empresas


3.5. Os órgãos executivos deviam ter um papel mais ativo na construção dos relatórios de sustentabilidade

Sugestões (por favor, se considerar que pertinente tecer qualquer comentário sobre esta temática faça-o neste espaço reservado para o efeito):

## ANEXO 2

### **Entrevista de resposta aberta sobre o pensamento dos TOC'S quanto ao RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE**

**Enquadramento pessoal TOC e técnicos habilitados a responder a esta entrevista:**

Masculino \_\_\_\_ Feminino \_\_\_\_\_

Número de anos de experiência:

a) Em “escritório” \_\_\_\_\_

b) No “terreno” \_\_\_\_\_

c) Na elaboração de Relatórios de Auditoria \_\_\_\_

d) Na elaboração de aspetos relacionados com a Sustentabilidade \_\_\_\_\_

1. Na sua opinião que entidades deveriam ser responsáveis pela elaboração do Relatório de Sustentabilidade de qualquer organização/empresa/....?

2. Na sua opinião quais os pontos mais importantes na divulgação de um relatório de sustentabilidade?

3. Que alterações sugere para que exista uma maior credibilidade e responsabilidade na elaboração e divulgação integral dos relatórios de sustentabilidade?

4. Em sua opinião, o setor em que a empresa se integra e dimensão (volume de negócios, nº empregados, entre outros) das empresas afeta a verificação e a validação dos relatórios de sustentabilidade?

5. A rendibilidade (RLP/A) positiva da empresa está, na sua opinião, relacionada com a publicação dos relatórios de sustentabilidade?

6. O número de participadas estrangeiras, nas empresas portuguesas, encontra-se relacionado com a publicação do relatório de sustentabilidade?

7. Na sua opinião, os relatórios de sustentabilidade são elaborados pelas empresas num propósito de marketing para os stakeholders ou numa perspetiva de apoio à gestão da empresa?

**Comentários (que possam ajudar a equipa de investigação):**

**Os dados aqui relatados serão protegidos, sendo os entrevistados designados por letras, mantendo o seu anonimato.**

**A equipa de investigação agradece a sua colaboração!**

Os Anexos 3 e 4 encontram-se em formato digital devido à sua extensão (A3)

## Apêndices

Os apêndices encontram-se em formato eletrônico devido ao grande número e volume de páginas.